

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

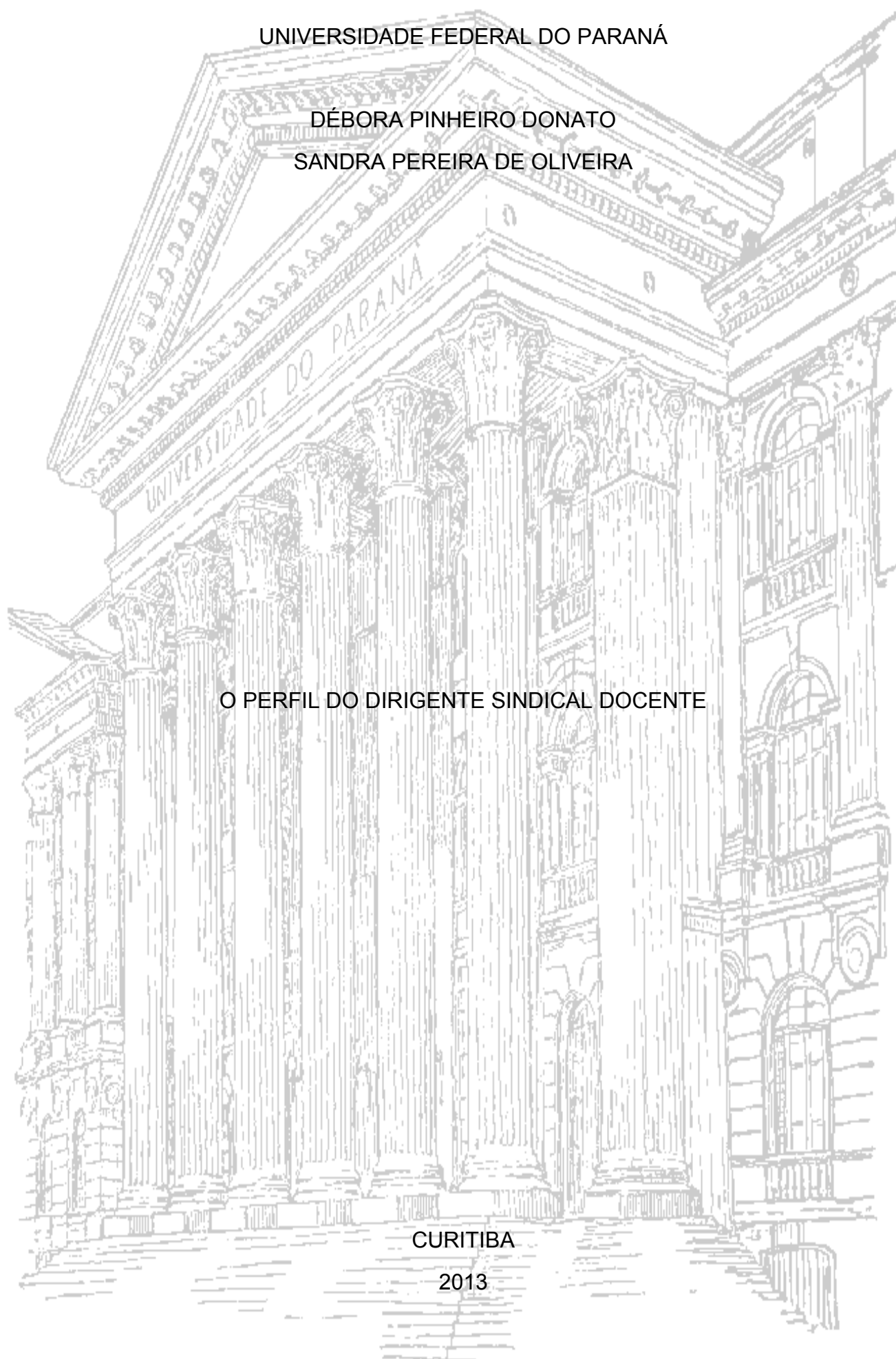
DÉBORA PINHEIRO DONATO

SANDRA PEREIRA DE OLIVEIRA

O PERFIL DO DIRIGENTE SINDICAL DOCENTE

CURITIBA

2013



DEBORA PINHEIRO DONATO
SANDRA PEREIRA DE OLIVEIRA

O PERFIL DO DIRIGENTE SINDICAL DOCENTE

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial
para obtenção do grau de Licenciado
em Pedagogia, no curso de
Pedagogia, Setor de Educação da
Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof^a. Dr.^a Andréa
Barbosa Gouveia.

CURITIBA

2013

*Às nossas famílias e aos nossos
companheiros.*

AGRADECIMENTOS

Usamos a língua tão corriqueiramente que às vezes não paramos para pensar nos verdadeiros significados das palavras. O que significa agradecer? Agradecer é a ação de prestar reconhecimento a alguém por benefício recebido. Sendo assim, dizemos o nosso muitíssimo obrigado às pessoas que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho.

Obrigada, a Aquele que nos concedeu o dom da vida, mestre dos mestres, que nos ensinou que tudo vale a pena no verdadeiro amor.

Obrigada a nossa querida orientadora, professora Andréa Barbosa Gouveia, pela simpatia, disponibilidade, confiança e rigor, o que proporcionou a liberdade para que percorrêssemos os caminhos nunca nos sentindo sós.

Obrigada aos nossos pais, mães e irmãos pelo carinho incondicional.

Obrigada aos nossos companheiros pelo incentivo, porque quando caminhamos juntos podemos chegar a qualquer lugar.

Obrigada a primeira entrevistada que participou desta pesquisa, pois com seu telefonema transmitiu alegria e satisfação por ser convidada a participar, o que conferiu esperança e autoconfiança para que seguissemos com a exploração da temática desenvolvida. Obrigada também por ter fornecido inúmeros contatos de pessoas que exerceram o cargo de dirigentes sindicais no SISMMAC.

Obrigada aos demais dirigentes sindicais do SISMMAC que participaram da pesquisa, nos concedendo seu tempo e compartilhando informações e experiências que serviram não só ao trabalho científico, mas para a vida.

Obrigada a todos as professoras e professores da Universidade Federal do Paraná, em especial aos do Núcleo de Políticas Educacionais (NuPE).

Obrigada a professora Andréa Caldas que, gentilmente, aceitou fazer parte da banca de avaliação.

Obrigada a todos os colegas de curso e de turma, em especial aos que se tornaram grandes amigos: Andressa Ferreira da Trindade, Aline Mendes, Camila Pacheco, Elisangela Antunes Siqueira Costa, Fernanda Simões Rocha, Milena Schneider Pudelho, Andrea Polena, Vinicius Santos, Jokasta Ferraz, Juliana Subirá e Gabriela Schneider.

“O que está por trás da categoria sindicato, associações, união, grêmios ou outras curiosas denominações é um grupo de indivíduos que operam profissionalmente com a formação dos cidadãos. No exercício desta atividade reconhecem elementos comuns entre si, inicialmente a partilha da atividade profissional. Ao delimitar a esfera profissional, começam a construir uma identidade como categoria que trabalha sob relações de assalariamento semelhantes. À medida em que vínculos são construídos entre indivíduos desconhecidos, surgem espaços e condições para reivindicações entendidas como justas ou como direitos” (SADI DAL ROSSO, 2011, p. 12).

RESUMO

O sindicalismo docente é um fenômeno recente no Brasil em que a filiação dos servidores públicos em sindicatos só é possível pós Constituição Federal de 1988. Ainda que recente as interpretações propostas na literatura o consideram um movimento reflexivo, na medida em que não se atém somente a questões corporativas, mas expressa interesses sociais mais amplos, como uma educação de qualidade para as classes menos abastadas (OLIVEIRA & MELO, 2006). Este trabalho tem como objetivo geral, fazer um estudo exploratório sobre o perfil do docente que exerce a função de dirigente sindical no sindicato que representa os professores da rede municipal de ensino de Curitiba, o SISMMAC, e analisar os saberes, os desafios e características pessoais envolvidos no exercício dessa função, com base nas falas destes sujeitos. Utilizaram-se para esta pesquisa dois instrumentos de trabalho: a pesquisa bibliográfica e a de levantamento de dados. Por meio do primeiro procedimento, revisaram-se trabalhos publicados sobre o perfil docente na educação básica, presentes na biblioteca eletrônica Scielo, com o objetivo de caracterizar parcialmente o objeto investigado. Através do segundo procedimento, a investigação sobre o perfil docente realizou-se em uma direção mais específica, através da *interrogação direta* (Silva & Menezes, 2005) dos atores sociais mediante questionário e entrevista, respondidos pessoalmente ou via e-mail. O trabalho também traz um breve histórico do sindicalismo docente no Brasil; histórico do SISMMAC; pesquisas bibliográficas sobre o perfil do docente brasileiro e sistema de educação no Brasil. O SISMMAC representa somente os profissionais do magistério da rede municipal de ensino de Curitiba, professores das séries iniciais e finais do ensino fundamental e pedagogos, portanto é uma organização por categoria. Iniciar-se-á o debate do perfil pelas categorias de análise que compõem o perfil pessoal e profissional, a saber: sexo, idade, naturalidade, cor/raça, estado civil, filhos, profissão dos pais, orientação religiosa, estudou em escolas públicas ou privadas, escolarização, filiação partidária, participação em movimentos sociais, participação em órgãos estudantis na educação básica e na graduação, tempo de experiência na educação básica, atuação profissional da RMEC, participação no Conselho de Representantes de Escola do SISMMAC, exercício do cargo de diretor de escola e tempo de sindicalização no SISMMAC. A pesquisa evidenciou que a maioria dos dirigentes sindicais é filiada ao Partido dos Trabalhadores e participa de outros movimentos sociais além do movimento sindical.

Palavras-chave: Sindicalismo Docente. Perfil Sindical.SISMMAC.

ABSTRACT

The teacher unionism is recent phenomenon especially in Brazil where membership in unions of public employees is only possible after the Constitution of 1988. Considered a reflexive movement, in that it not only adheres to corporate issues, but expresses broader social interests, such as a quality education for the less affluent classes (Oliveira & MELO, 2006). This work has as main goal, make an exploratory study on the profile of the teacher acts as a leader in the union that represents teachers of municipal schools in Curitiba, the SISMMAC, and analyze knowledge, challenges and personal characteristics involved in the exercise of this function, based on the statements of these subjects. Were used for this research two work instruments: a literature review and survey data. Through the first procedure, was reviewed papers on the teacher profile in basic, present education in SciELO electronic library, aiming to partially characterize the investigated object. By the second procedure, the research on teacher profile was held in a more specific direction, through direct interrogation (SILVA&MENEZES, 2005) of social actors through questionnaire and interview, answered in person or via email. The paper also presents a brief history of teacher unionism in Brazil; history of SISMMAC; bibliographic research on the profile of Brazilian teachers and the education system in Brazil. The SISMMAC represents only the professional teachers of municipal schools in Curitiba , teachers , the initial and final grades of elementary school teachers and therefore is an organization by category . Will begin the debate - profile analysis of the categories that make up the personal and professional profile to know : sex, age , national origin , color / race , marital status, children , parents' profession , religious orientation , studied in public schools or private , education , party affiliation , participation in social movements , participation in student bodies in basic education and graduation , length of experience in basic education , professional activity of RMEC , participation in the Council of Representatives of the School SISMMAC , holding the position of school principal and time of unionization in SISMMAC . It was seen that the majority of trade union leaders is affiliated with the Workers' Party and participates in other social movements beyond the union movement

Key-words:Teacher unionism. Profile Union.SISMMAC.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - ORGANIZAÇÃO SINDICAL DE PROFESSORES NO PARANÁ.....	30
FIGURA 2 - ORGANIZAÇÃO SINDICAL DE PROFESSORES NO MATO GROSSO DO SUL	31
FIGURA 3 – ORGANIZAÇÃO SINDICAL ENTRE OS SERVIDORES MUNICIPAIS	43

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - GESTÕES DO SISMMAC, 2003-2014.....	47
QUADRO 2 - ESTRATIFICAÇÃO SEXUAL.....	48
QUADRO 3 - IDADE DOS DIRIGENTES SINDICAIS ENTREVISTADOS.....	49
QUADRO 4 – NATURALIDADE DOS DIRIGENTES SINDICAIS.....	49
QUADRO 5 - COMPOSIÇÃO COR/RAÇA.....	50
QUADRO 6 - ESTADO CIVIL.....	50
QUADRO 7 – FILHOS.....	51
QUADRO 8 - PROFISSÃO DOS PAIS.....	52
QUADRO 9 - ORIENTAÇÃO RELIGIOSA.....	52
QUADRO 10 - ESCOLARIZAÇÃO BÁSICA DOS DIRIGENTES POR REDE DE ENSINO.....	53
QUADRO 11 - ESCOLARIZAÇÃO SUPERIOR.....	53
QUADRO 12 - FILIAÇÃO PARTIDÁRIA, PARTIDO POLÍTICO E TEMPO DE FILIAÇÃO.....	54
QUADRO 13 - PARTICIPAÇÃO EM MOVIMENTOS SOCIAIS.....	55
QUADRO 14 - PARTICIPAÇÃO EM ÓRGÃO DE REPRESENTAÇÃO ESTUDANTIL NA EDUCAÇÃO BÁSICA.....	56
QUADRO 15 - PARTICIPAÇÃO EM ÓRGÃO DE REPRESENTAÇÃO ESTUDANTIL DURANTE A GRADUAÇÃO.....	57
QUADRO 16 - TEMPO DE EXPERIÊNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA.....	58
QUADRO 17 - ATUAÇÃO PROFISSIONAL DA RMEC.....	58
QUADRO 18 - PARTICIPAÇÃO NO CONSELHO DE REPRESENTANTES DO SISMMAC.....	59
QUADRO 19 - EXERCÍCIO DO CARGO DE DIRETOR DE ESCOLA.....	59

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO BÁSICA POR NÍVEL DE FORMAÇÃO -1997/2007.....	35
TABELA 2 - ESTABELECIMENTOS DA RME DE CURITIBA NO ANO DE 2013.....	41
TABELA 3 - NÚMERO DE MATRÍCULAS NA RME DE CURITIBA, NO ANO DE 2013, POR ETAPA E MODALIDADE DE ENSINO.....	42

LISTA DE SIGLAS

AMMC - Associação do Magistério Municipal de Curitiba

APMC - Associação dos Professores Municipais de Curitiba

APEOESP - Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo

APP-Sindicato - APP Sindicato dos Trabalhadores em Educação do Estado do Paraná

CF - Constituição Federal

CLT - Consolidação das Leis do Trabalho

CMEI - Centro Municipal de Educação Infantil

CMS - Central dos Movimentos Sociais

CNTE - Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação

CPB - Confederação dos Professores do Brasil

CPERS-Sindicato - Centro dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul

CPPB - Confederação dos Professores Primários do Brasil

CUT - Central Unica dos Trabalhadores

DETR-SP - Congresso do Departamento Estadual de Trabalhadores Rurais

EC – Emenda Constitucional

FPE - Fundo de Participação dos Estados

FPM - Fundo de Participação dos Municípios

FUNDEF - Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério

FUNDEB - Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação

ICMS - Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços – ICMS

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

IPlexp - Imposto sobre Produtos Industrializados, proporcional as exportações

IPVA - Imposto sobre a Propriedade de Veículos Automotores

ITCM - Imposto sobre Transmissão Causa Mortis

ITR - Imposto sobre a Propriedade Territorial Rural

LC – Lei Complementar

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MDE - Manutenção e Desenvolvimento do Ensino

MST – Movimento Sem Terra

PC do B - Partido Comunista do Brasil

PNAD - Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílios

PT - Partido dos Trabalhadores

RME – Rede Municipal de Ensino

RMEC – Rede Municipal de Ensino de Curitiba

RMS - Região Metropolitana de Salvador

SAEB – Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica

SINDIUTE/MG -Sindicato Único dos Trabalhadores da Educação

SISMMAC - Sindicato dos Servidores do Magistério Municipal de Curitiba

SISMMAR - Sindicato dos Servidores do Magistério Municipal de Araucária

SISMUC - Sindicato dos Servidores Públicos Municipais de Curitiba

SMMCL - Sindicato do Magistério Municipal de Campo Largo

SIMMPPUC – Sindicato Do Magistério Municipal de Cambé

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 HISTÓRIA DO SINDICALISMO DOCENTE NO BRASIL	18
2.1 HISTÓRIA DO SISMMAC.....	21
2.3 SISTEMA EDUCACIONAL BRASILEIRO - NÍVEIS	26
2.4 ESTRUTURA SINDICAL	28
3 O CONCEITO DE PERFIL.....	32
3.1 O PERFIL DO PROFESSOR DA EDUCAÇÃO BÁSICA NO BRASIL.....	33
3.2 PERFIL DO DIRIGENTE SINDICAL.....	37
4 O PERFIL DO DIRIGENTE SINDICAL NA REDE MUNICIPAL DE CURITIBA	41
4.1 APRESENTAÇÃO DO SISMMAC E A RMEC	41
4.2 QUEM É O DIRIGENTE SINDICAL	47
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	64
REFERÊNCIAS.....	65

1 INTRODUÇÃO

À frente do sindicato, instituição engendrada na modernidade em sociedades de sistema de acumulação privada, há um grupo que desenvolve ações representando um coletivo de profissionais. O elemento que os une é a atividade profissional e no caso do sindicato de docentes, o magistério, exercido sob as mesmas, ou pelo menos parecidas, condições objetivas e subjetivas de trabalho. Isto permite o partilhamento de uma identidade coletiva entre indivíduos desconhecidos que unem-se em prol da conquista e manutenção de direitos, adentrando espaços de disputa política e relacionando-se com o Estado (DAL ROSSO, 2011).

Para compreender as especificidades do grupo dos dirigentes sindicais em relação à categoria que representam, é necessário primeiro compreender o perfil docente em geral. O perfil docente é um tema explorado na pesquisa em educação por Caldas e Cruz (2000), Souza (2006), Abreu (2009), Gatti (2009), Oliveira e Vieira (2010), Gouveia e Souza (2010), etc. A pesquisa realizada por Caldas e Cruz (2000) estudou o perfil docente, nos anos iniciais do ensino fundamental no Paraná, entre os anos de 2001 e 2007, confirmou o fato de a profissão ser exercida majoritariamente por mulheres (93,3%), levantou a faixa etária predominante das mesmas, que vai de 30 à 39 anos, evidenciou que a escolarização da maioria era a do nível de especialização (65,7% das professoras em 2007 tinha especialização de 360 horas), entre outros dados.

Todavia, não foram encontradas nas bases de dados consultadas (SciELO, Banco de Teses da Capes, Sistema de Bibliotecas UFPR) pesquisas que explorem o perfil de docentes da educação básica que exercem a função de dirigentes sindicais.

Estudar esta temática justifica-se na medida em que o professorado tornou-se uma das maiores categorias profissionais do Brasil, composta por um contingente aproximado de dois milhões e meio de trabalhadores, atuantes na educação infantil, ensino fundamental, ensino médio e ensino superior (DAL ROSSO, 2011).

O movimento sindical docente, ao contrário do movimento sindical dos trabalhadores em geral, encontra-se em relativa ascensão, devido ao aumento ou, pelo menos, estabilidade da taxa de filiação nas entidades. Enquanto os

trabalhadores em geral apresentaram uma taxa de sindicalização de 18,3% no ano de 2005, os professores atuantes no ensino fundamental e médio, tanto do ensino público como no ensino privado, apresentaram uma taxa de 40,2%, uma diferença de 21,9 pontos percentuais (LANDWEHRKAMP, 2010).

O sindicalismo dos trabalhadores em geral é um fenômeno amplamente estudado e munido de uma tradição teórica desenvolvida pelas ciências sociais e política, há pelo menos cento e cinquenta anos (DAL ROSSO, 2011).

O sindicalismo docente é um fenômeno mais recente especialmente no Brasil em que a filiação dos servidores públicos em sindicatos só é possível pós Constituição Federal de 1988. Os estudos específicos sobre sindicalismo docente são recentes e dialogam com a tradição de estudos sobre o sindicalismo em geral, uma boa expressão disso foi à criação da rede internacional de estudos constituída no ano de 2008, no Brasil, denominada Rede de Pesquisadores sobre Associativismo e Sindicalismo em Educação – Rede Aste (DONATO, 2012).

O sindicalismo docente do setor público é um movimento reflexivo, na medida em que não se atém somente a questões corporativas, mas expressa interesses sociais mais amplos, como uma educação de qualidade para as classes menos abastadas (OLIVEIRA & MELO, 2006).

Assim, neste trabalho propõe-se, como objetivo geral, fazer um estudo exploratório sobre o perfil do docente que exerce a função de dirigente sindical no sindicato que representa os professores da rede municipal de ensino de Curitiba, o SISMMAC¹, e analisar os saberes, os desafios e características pessoais envolvidos no exercício dessa função, com base nas falas destes sujeitos.

Para alcançar os objetivos da pesquisa, utilizaram-se dois instrumentos: a pesquisa bibliográfica e a de levantamento de dados. Por meio do primeiro procedimento, revisaram-se trabalhos publicados sobre o perfil docente na educação básica, presentes na biblioteca eletrônica Scielo², com o objetivo de caracterizar parcialmente o objeto investigado. Através do segundo

¹ Sindicato dos Servidores do Magistério Municipal de Curitiba – SISMMAC.

² A Scientific Electronic Library Online - SciELO é uma biblioteca eletrônica que abrange uma coleção selecionada de periódicos científicos brasileiros. < <http://www.scielo.br/?lng=pt>>

procedimento, a investigação sobre o perfil docente realizou-se em uma direção mais específica, através da *interrogação direta* (Silva & Menezes, 2005) dos atores sociais mediante questionário e entrevista, respondidos pessoalmente ou via e-mail.

Os atores sociais interrogados serão os docentes que compuseram a Diretoria do SISMMAC nas últimas quatro gestões do sindicato, no decênio de 2003-2013. No total, participaram da pesquisa 8 docentes, sendo 7 ex-dirigentes sindicais e 1 dirigente atual. Optou-se pela não diferenciação dos dirigentes por cargo exercido ou gestão, pois se constatou que muitos participaram de diferentes gestões, exercendo diferentes funções.

Optou-se pela realização de entrevistas, pois os dados que se buscou levantar são “significados, motivações, valores e crenças”, próprios da pesquisa qualitativa (BONI & QUARESMA, 2005). Segundo Haguette (1997, p.86) citado por Boni e Quaresma, a entrevista é definida como um “processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado”.

A técnica de entrevista escolhida foi a semi-estruturada, que combina perguntas abertas e fechadas previamente formuladas e organizadas em um roteiro, permitindo ao entrevistador direcionar a investigação do assunto, no momento em que achar oportuno, em tom de conversa, formulando perguntas adicionais para esclarecer informações que lhe parecem nebulosas (BONI & QUARESMA, 2005).

Ao longo da pesquisa, constatou-se uma maior disponibilidade dos docentes através da resolução do questionário e entrevista via correio eletrônico. Assim, dos oito docentes dispostos a participar da pesquisa, três foram entrevistados e cinco responderam por correio eletrônico.

O questionário, assim como a entrevista, foi composto por duas partes (perfil pessoal e profissional). A primeira conteve as seguintes categorias: naturalidade, sexo, cor, idade, filiação partidária, participação em grupos de estudo, orientação religiosa, profissão do pai e da mãe, tempo de sindicalização. A segunda foi formada pelas categorias: escolarização, atuação profissional na rede municipal de ensino (RME) de Curitiba, tempo de

experiência como docente na educação básica, atuação como diretor, participação em Conselho de Representantes.

O roteiro da entrevista, elaborada para expressar o perfil do docente dirigente sindical, assim como o questionário, ainda continha questões de aprofundamento da trajetória dos sujeitos também divididos em questões de âmbito pessoal (oito) e profissional (seis)³. O questionário completo está em anexo.

Na esfera pessoal, fizeram-se as seguintes perguntas: origem social; trajetória na educação básica; trajetória acadêmica; participação em órgão de representação estudantil; trajetória no movimento sindical docente; participação partidária; participação em movimentos sociais; atividades fora do expediente de trabalho; atividades de lazer.

Na esfera profissional, fizeram-se as seguintes perguntas: motivos para a participação no movimento sindical docente; trajetória do dirigente sindical; rotina como dirigente sindical; saberes imprescindíveis para que o dirigente sindical desenvolva seu trabalho; características pessoais para que o dirigente sindical desenvolva seu trabalho; dificuldades enfrentadas para o exercício do cargo de dirigente sindical.

No primeiro capítulo apresenta-se uma breve história do sindicalismo docente no Brasil e do sindicato que representa os professores do serviço público de Curitiba, o SISMMAC; características do sistema educacional brasileiro e da estrutura sindical. No segundo capítulo, há uma discussão em torno do perfil docente e do perfil do dirigente sindical em geral. Por fim, apresentam-se os dados da pesquisa que esboçam o perfil do dirigente sindical docente que exerceu a função no SISMMAC, durante o último decênio.

³ A divisão do perfil do dirigente sindical em pessoal e profissional foi categorizado a partir de CALDAS e THOMÉ 2011.

2 HISTÓRIA DO SINDICALISMO DOCENTE NO BRASIL

“O movimento sindical de professores no Brasil, ainda que de organização formal recente é parte de um movimento associativo no país com uma histórica bastante mais ampla”(GOUVEIA,2012). Tendo sua origem já na segunda metade do século XIX, de acordo com Vicentini & Lugli:

Embora não se possa ter precisão no mapeamento mencionado anteriormente, é possível afirmar que as primeiras iniciativas de organização do magistério em associações específicas remontam à segunda metade do século XIX e foram empreendidas por professores primários na cidade do Rio de Janeiro, em Pernambuco e no Rio Grande do Sul, sendo digno de nota, neste último caso, o vínculo com a Igreja Católica. (VICENTINI & LUGLI, 2009, p. 97).

Estas primeiras associações se caracterizavam como beneficentes, de auxílio mútuo, corporativas e de cunho científico. Seu tempo de vida era breve. Muitas vezes, elas eram extintas e reconstruídas com outro nome e novo caráter. O motivo central para o início das associações de professores foi as insatisfatórias condições de trabalho com que eles desenvolviam seu ofício (VICENTINI & LUGLI, 2009).

Em 1930, devido à política trabalhista de Getúlio Vargas, surgiram os sindicatos representativos dos professores secundários atuantes na iniciativa particular “inicialmente nas cidades do Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Juiz de Fora e no estado do Rio Grande do Sul e na década seguinte, nas cidades de São Paulo, Fortaleza e na Baixada Santista” (VICENTINI & LUGLI, 2009, p.98).

Em 1945, após a queda da ditadura Vargas, as associações representativas do magistério primário tiveram um novo impulso com a criação de entidades nos estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul, Bahia e Distrito Federal. Nesse período houve uma expansão das escolas normais e secundárias, o que ajudou no desenvolvimento das associações (VICENTINI & LUGLI, 2009).

Entre as décadas de 1950 e 1960, novas associações de professores primários surgiram, em diversos estados, entre eles Pernambuco, Ceará, Piauí, Alagoas, Espírito Santo, Santa Catarina, Goiás e Mato Grosso.

A primeira entidade docente de âmbito nacional nasceu no ano de 1960,

a Confederação dos Professores Primários do Brasil (CPPB). Em 1972 esta teve sua designação alterada para Confederação dos Professores do Brasil (CPB), devido a mudanças no sistema educacional brasileiro, que criou o ensino de primeiro e segundo graus, e em 1989, deu origem à Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação - CNTE (VICENTINI & LUGLI, 2009).

Mesmo após a criação de uma entidade nacional de representação da categoria, há a continuidade de organização regional em nível estadual e municipal, tanto por parte dos professores das redes públicas como privadas. (VICENTINI & LUGLI, 2009).

As décadas de 1970 e 1980 foram marcadas por acontecimentos de fundamental importância para a história sindical dos professores no Brasil, como a reorganização do Sistema Educacional Brasileiro ocorrida em 1971, de acordo com Vicentini & Lugli:

A divisão entre professores primários e secundários deixou de ser explicitada na nomenclatura das entidades, mas continuou a orientar a composição de boa parte delas e a exercer uma forte influência nas disputas travadas no âmbito do movimento docente. De fato, a história das associações em torno das quais os docentes se reuniram permite entender como diferentes grupos dividiram-se, enfrentaram questões específicas da profissão e representaram o próprio ofício. (...) Os professores dividiram-se em associações diferentes e, no interior de determinadas entidades, surgiram grupos de posições diversas. (VICENTINI & LUGLI, 2009, p.102).

Segundo as autoras foram notáveis as dificuldades de articulação do magistério em torno de ideias e propostas comuns ou mesmo a concordância nas formas de conceber e exercer a profissão, uma das razões das divergências pode ser explicada pela formação enquanto o magistério primário constituiu-se com formação oferecida em nível médio, o magistério secundário exigia a realização de estudos mais elevados do sistema escolar. (VICENTINI & LUGLI, 2009).

Outro marco foi o ciclo de greves que ocorreram no final dos anos de 1970 e início dos anos de 1980, em plena ditadura militar, segundo Ferraz e Gouveia:

Outro período de fundamental importância para a história sindical dos professores brasileiros se encontra no ciclo de greves do final dos anos de 1970 e início dos anos de 1980, em pleno movimento de derrubada do regime ditatorial que comandava o país desde 1964.[...] Assim, as greves que se iniciam em 1979, seja conquistando alguns

reajustes salariais ou mesmo sendo momentaneamente derrotadas, deram origem a uma plataforma política contínua que levou ao crescimento quantitativo e qualitativo de entidades representativas, inicialmente como associações e posteriormente como sindicatos. (FERRAZ & GOUVEIA, 2011, p.2).

A sindicalização dos funcionários públicos era proibida até 1988, vindo a ser conquistada com a promulgação da Constituição Federal de 1988, que no inciso VI, do seu artigo 37, dispõe:

VI – é garantido ao servidor público civil o direito à livre associação sindical (BRASIL, 1988).

A partir daí a sindicalização do funcionalismo público foi permitida e “possibilitou que as entidades cuja atuação assumiu um caráter mais combativo deixassem de ser associações e se tornassem sindicatos” (VICENTINI & LUGLI, 2009, p. 106).

Compreender esta trajetória histórica permite compreender o próprio conceito de sindicato. Os sindicatos docentes são organizações coletivas de representatividade frente a sua categoria, com vínculo formal de trabalho junto a seu empregador, que pode ser do setor público (federal, estadual ou municipal) ou setor privado com fins lucrativos, tendo como objetivo primário a defesa de melhores condições de trabalho, valor e composição da remuneração. Podem organizar-se agrupando profissionais de diferentes níveis da educação (educação infantil, ensino fundamental, ensino médio e ensino superior). No setor público como tem o Estado como empregador, seja a nível municipal, estadual ou federal, os sindicatos docentes estabelecem relações com os governantes, pois estes, por meio das políticas, em especial, as políticas educacionais, determinam as condições objetivas e subjetivas de trabalho dos profissionais do magistério (CHIROQUE, 2010).

Por meio de iniciativas empreendidas pela categoria para poder se manifestar a respeito do seu trabalho, os professores das redes de ensino públicas estaduais e municipais, como os das escolas particulares constituíram sindicatos com estruturas variadas pelo Brasil. No entanto, segundo Vicentini & Lugli (2009), as formas desse processo nos diferentes estados ainda não foram estudados suficientemente no campo da historiografia da educação brasileira e podemos completar que tampouco o foram na área de política educacional, ainda é necessário fazer um levantamento minucioso das entidades existentes

nas diversas regiões do país para compreender suas especificidades e diversidades.

2.1 HISTÓRIA DO SISMMAC

A fundação do SISMMAC aconteceu no ano de 1988, aos 27 dias do mês de outubro. Em 2013, o sindicato completou 25 anos de existência⁴, período em que foram trilhadas inúmeras ações: greves, paralisações, atos, panfletagens, congressos, etc.

No entanto, a busca por direitos pela categoria dos servidores do magistério de forma coletiva e organizada foi empreendida anteriormente, já no ano de 1971, quando estes criaram a Associação dos Professores Municipais de Curitiba (APMC), motivados em torno da organização de um anteprojeto de estatuto para o magistério. Assim, um grupo de docentes reuniu-se em assembleia, no Colégio Estadual do Paraná para fundar a entidade e eleger os membros da diretoria (DONATO, 2012).

O tempo de existência da APMC foi breve, pois o contexto sócio-político da época era de regime militar. Apesar disto, houve lutas por recomposição salarial. Em 1972, o magistério conquistou um reajuste de 32% no valor da hora-aula, que passou de Cr\$ 8,50 para Cr\$11,30, além de retirada de um seguro que era cobrado obrigatoriamente de seus salários (DONATO, 2012). Em 1973, a APMC foi extinta devido à atuação do prefeito indicado pelo regime militar na época, Jaime Lerner.

Seis anos depois, em 1979, o magistério organizou-se novamente, constituindo a Associação do Magistério Municipal de Curitiba (AMMC), em um

⁴Para comemorar os 25 anos do SISMMAC, foi organizado um artigo na Revista Chão de Escola, sobre a história do sindicato, que foi utilizado como fonte de pesquisa, entre outros, neste trabalho.

período de crescente insatisfação com o regime militar e alta da inflação. No ABC paulista⁵, grandes greves foram empreendidas pelos metalúrgicos.

Longe de ser uma associação de caráter assistencial e recreativo, como muitas entidades de docentes, do setor público e privado, constituídas ao longo da segunda metade do século XIX e começo século XX (Vicentini; Lugli, 2009) a AMMC possuía caráter corporativista, pois “(...) tinha como função precípua a defesa dos direitos dos professores (...)” (RAFANHIM, 2012, p.49).

É no ano de 1980 que acontece a primeira paralisação da história do magistério da rede municipal de Curitiba, aderindo ao movimento nacional encabeçado pela Confederação Nacional dos Professores (CPB)⁶, do Dia Nacional de Luta pela Educação, com a campanha em defesa de reajuste salarial semestral para salvaguardar o poder de compra da categoria, ao longo do ano. As aulas foram paralisadas em muitas escolas e uma manifestação foi realizada no centro da capital (SISMMAC. 2013).

A luta por melhor salário marca toda a trajetória de ação da AMMC. Em 1983, é realizada outra paralisação para que a prefeitura adotasse uma política salarial para o magistério. Na época, o prefeito era Maurício Fruet, que acabou encerrando o movimento, prometendo que enviaria à Câmara Municipal uma proposta de reajuste de 35%, incluiria representantes do sindicato em uma comissão que estudaria o estatuto do magistério, além da realização de uma reunião de negociação (SISMMAC. 2013).

A reunião de negociação aconteceu, assim como havia prometido o prefeito. Foram acordados o valor do reajuste de 35%, a adoção do reajuste salarial semestral, um piso salarial de 2,5 salários mínimos a partir do ano seguinte (1984), o encaminhamento pelo prefeito do anteprojeto de estatuto do magistério e a garantia de participação de dois representantes da categoria para a escrita do documento (SISMMAC. 2013)

Apesar das negociações terem acontecido, o magistério sentiu-se insatisfeito com o índice de reajuste que havia ficado abaixo da inflação e

⁵ A sigla vem das três cidades, que originalmente formavam a região, sendo: Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul.

⁶Posteriormente, a CPB transforma-se na Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE).

propôs um piso salarial de 3 salários mínimos e pleiteou que o reajuste semestral do ano posterior cobrisse o percentual de 55% do Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC) (SISMMAC. 2013).

Ainda no mesmo ano de 1983, a AMMC participa do movimento em prol da restituição das eleições diretas para Presidência da República, conhecido como Diretas Já. Na Boca Maldita é realizado o primeiro grande comício do movimento, reunindo cerca de 30 mil pessoas e entre elas, representantes do magistério (SISMMAC. 2013).

Naquele momento, o movimento em prol das eleições diretas para Presidência da República é derrotado, pois a Emenda Constitucional Dante Oliveira é rejeitada pela Câmara dos Deputados (LOPES, 2011). Em contrapartida, em Curitiba, o magistério conquista o direito à eleição direta para os diretores de escola (SISMMAC. 2013).

No ano seguinte, 1984, o magistério organizado pela AMMC empreende uma greve com duração de sete dias, mesmo sendo considerada ilegal, já que o direito a greve restringia-se aos trabalhadores do setor privado. Mais uma vez, a categoria reivindica reajuste salarial acima da inflação, que somava 104, 29%, para cobrir as perdas. Entre os resultados da greve estavam: proposta de reajuste salarial de 70%, incorporação de gratificação de regência aos proventos da aposentadoria com carência de quatro anos e a revisão dos critérios de concessão da licença prêmio, permitindo ao menos cinco faltas ao longo de cinco anos (SISMMAC. 2013).

Em novembro 1985, no final da gestão do prefeito Maurício Fruet, a categoria docente conquista o Estatuto do Magistério Municipal, instituído pela Lei 6.761, depois de cerca de dez anos de luta.

O documento trouxe avanços em relação a vários direitos, como a garantia de que os salários seriam definidos pela maior habilitação e não mais pela área de atuação profissional. O estatuto também garantiu a incorporação do adicional de 30% de regência aos salários, estabeleceu as férias de 65 dias e regulamentou a permanência, definindo que 20% da jornada de trabalho passariam a ser destinadas às atividades de estudo e planejamento (SISMMAC, 2013, p.09).

Atribui-se esta conquista a dois motivos: a intensa mobilização do magistério, por meio de audiências, atos e assembleias e a o Decreto Federal 91781 de 1985, que condicionou o recebimento das verbas do salário-

educação⁷ a aprovação de estatutos próprios para o magistério (SISMMAC, 2013).

Em 1987, o magistério municipal de Curitiba empreende a greve mais longa de sua história, durando quarenta dias. Foi motivada principalmente pela política da prefeitura de concessão de reajuste salarial abaixo do índice inflacionário. Naquele momento, as perdas salariais somavam 61%. Reivindicava-se a adoção de um piso salarial de quatro salários mínimos com o intuito de recuperar o poder de compra da categoria, perdido a partir do Plano Cruzado de 1986 (SISMMAC, 2013).

A adesão do magistério à greve foi quase unânime. Na época, o prefeito de Curitiba era Roberto Requião e o governo do estado era Álvaro Dias. Diversas medidas foram adotadas pela prefeitura para acabar a greve, como a suspensão dos salários e a ameaça de demissão dos profissionais que estavam em período de estágio probatório. No entanto, a categoria manteve-se unida, conquistando “reajuste de 20% em julho (gatilho para recompor a inflação), equiparação com o salário dos professores estaduais em janeiro, não punição dos grevistas e a liberação dos salários” (SISMMAC, 2013, p. 11) que estavam suspensos.

Ainda em 1987 acontece o processo de elaboração de uma nova Constituição Nacional que é promulgado no ano seguinte. Entre os novos direitos conquistados estavam o direito à sindicalização por parte dos servidores públicos. Ressalta-se que o direito a greve era exercido pelos trabalhadores do setor privado, há muito tempo, desde a Consolidação das Leis Trabalhista de 1960.

Assim, a AMMC é extinta para dar lugar a um sindicato próprio para a categoria do magistério da rede pública de ensino de Curitiba. Um dos pontos da assembleia foi a discussão em torno de que tipo de sindicato seria criado: um sindicato que congregasse todos os servidores municipais de Curitiba, um sindicato para todos os trabalhadores em educação ou um sindicato somente para os profissionais do magistério municipal (SISMMAC, 2013).

⁷Salário-educação é uma contribuição social (tributo), prevista na Constituição Federal de 1988 como fonte complementar para a educação básica.

A fundação do SISMMAC acontece no ano de 1988, aos 27 dias do mês de outubro, depois de ampla discussão, realizada anteriormente. Os professores, supervisores escolares e orientadores educacionais, que compunham a base do sindicato na época, estavam reunidos em assembleia, a qual foi presidida pelas professoras Sandra Mara K. P. Lopes e Valéria Mendonça Guimarães, no auditório da Montepar (SISMMAC, 1988).

Naquele dia, a pauta da assembleia debatida e aprovada era a: “fundação do Sindicato dos Servidores do Magistério Municipal de Curitiba, aprovação do estatuto do mesmo, eleição para a diretoria provisória, fixação da mensalidade e assuntos gerais” (SISMMAC, 1988).

Diversas modificações foram realizadas sobre o estatuto da entidade:

(...) ao artigo primeiro, foi acrescentado o termo “de Curitiba”, passando a ter a seguinte redação: o Sindicato dos Servidores do Magistério Municipal de Curitiba e base territorial no município de Curitiba é constituído para fins de representação dos professores servidores municipais de Curitiba. Ao artigo terceiro foram aprovadas modificações, passando a seguinte redação: a representação da categoria funcional que este estatuto abrange, compreende: professores, orientadores educacionais e supervisores escolares da rede pública municipal de Curitiba. No artigo quarto foi acrescentada a alínea j lutar pela melhoria da qualidade do ensino. No artigo quinto foi modificada a alínea b, ficando com a seguinte redação: na sede do sindicato, encontrar-se-á ficha de registro cadastral de cada associado. Foi acrescentado um capítulo Das Disposições Transitórias, contendo o seguinte artigo: o presente estatuto poderá ser reformulado no todo ou em parte, em assembleia geral extraordinária, já designada para os dias vinte e três e vinte e quatro de novembro, com início as dezesseis horas (SISMMAC, 1988).

A diretoria provisória eleita para o sindicato foi formada por Sandra K. P. Lopes (presidente), Rosemari Ermelina Souto (vice-presidente), Valéria Mendonça Guimarães (1º secretário), Jeanete C. Cordeiro (2º secretário), Devanir Maria S. Cezar (1º tesoureiro), Maria do Pilar Palmeiro Mendes (2º tesoureiro), Berenice V. de Figueiredo Neves (diretor do departamento de pedagógico), Wagner Rosa (diretor do departamento de divulgação) e Iodéia Felício (diretor de formação sindical) (SISMMAC. 1988).

Destaca-se a filiação do SISMMAC à Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE). O SISMMAC é um dos três sindicatos docentes filiados a esta central sindical do estado do Paraná, junto com o Sindicato dos Servidores do Magistério Municipal de Araucária (SISMMAR) e a

APP-Sindicato dos Trabalhadores em Educação do Estado do Paraná (APP-Sindicato).

2.3 SISTEMA EDUCACIONAL BRASILEIRO - NÍVEIS⁸

O Sistema Educacional Brasileiro segundo a LDB 9394/1996 (BRASIL, 1996) é composto por dois grandes níveis de ensino: a Educação Básica e a Educação Superior. A Educação Básica é composta pelas seguintes etapas:

- Educação Infantil: que é a primeira etapa da educação básica, ofertada em creches para crianças de zero até três anos de idade e pré-escolas para crianças de quatro a cinco anos de idade.
- Ensino Fundamental: que é obrigatório para crianças entre as idades de seis e quatorze anos. Existem nove séries nesse nível de educação, dividido em duas fases, denominado Ensino Fundamental Séries Iniciais (1º a 5º anos), regularmente dos 6 aos 10 anos de idade, e Ensino Fundamental Séries Finais (6º a 9º anos) regularmente dos 11 aos 14 anos de idade.
- Ensino Médio: com duração de três a quatro anos, sendo possível ter uma formação técnica, juntamente com as bases do ensino médio, através de cursos específicos em diversas áreas. Esses cursos normalmente são iniciados durante o 2º e 3º anos do ensino médio, ou iniciados após o término desses anos. A instrução do curso completo tem duração normalmente de 1 ano e meio, dependendo do curso e modalidade de ensino.

E Educação Superior, não obrigatória, é ministrada em instituições de ensino superior, públicas ou privada, com variados graus de abrangência ou

⁸Fonte: LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional : lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. – 6. Ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2011. Disponível em: http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/2762/ldb_6ed.pdf?sequence=7. Acesso em 18/11/2013.

especialização. Devendo obrigatoriamente o aluno ter cursado o Ensino Médio. Sendo composta pelas seguintes etapas:

- Cursos de graduação: Licenciatura ou Bacharelado. Com duração em média de 4 a 5 anos. Presenciais ou a distância.
- Curso de pós-graduação *lato sensu*: especialização. Com duração de 1 a 2 anos.
- Programas de pós-graduação *strictu sensu* — mestrado, com duração de 2 anos e doutorado, com duração de 4 anos.

A responsabilidade pela organização da educação no Brasil está dividida entre a União, os Estados e os Municípios. O artigo 211 da CF de 1988 traz essa forma de distribuição de responsabilidades e o sistema de colaboração no que diz respeito à educação:

§ 1º A União organizará o sistema federal de ensino e o dos Territórios, financiará as instituições de ensino públicas federais e exercerá, em matéria educacional, função redistributiva e supletiva, de forma a garantir equalização de oportunidades educacionais e padrão mínimo de qualidade do ensino mediante assistência técnica e financeira aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios.

§ 2º Os Municípios atuarão prioritariamente no ensino fundamental e na educação infantil.

§ 3º Os Estados e o Distrito Federal atuarão prioritariamente no ensino fundamental e médio.

§ 4º Na organização de seus sistemas de ensino, a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios definirão formas de colaboração, de modo a assegurar a universalização do ensino obrigatório (BRASIL, 1988).

A principal fonte de recursos para o financiamento da educação são as receitas de impostos. Conforme o Art. 212 da CF de 1988 e o artigo 69 da Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a União deve aplicar anualmente nunca menos de 18%, e os Estados, Municípios e o Distrito Federal devem aplicar 25% da receita resultante de impostos na Manutenção e Desenvolvimento do Ensino (MDE).

Devido a uma grande desigualdade na arrecadação de impostos entre os estados e municípios no país e, buscando garantir uma melhor distribuição das verbas foi criado, em 1996, pela Emenda Constitucional nº 14/96, o FUNDEF - Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e Valorização do Magistério. Este fundo tinha como finalidade redistribuir os recursos considerando o número de alunos matriculados no ensino

fundamental em cada rede de ensino, dentro de cada estado da federação. Com duração de 10 anos (1996-2006) e somente com abrangência para o Ensino Fundamental.

Em 2007, o FUNDEF foi substituído pelo atual FUNDEB - Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica. Este tendo vigência de 14 anos (2007-2020) e atendendo a toda a Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio).

Os recursos destinados para o FUNDEF eram 15% do: Fundo de Participação dos Estados – FPE, Fundo de Participação dos Municípios – FPM, Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços – ICMS, Imposto sobre Produtos Industrializados, proporcional às exportações – IPlexp, Desoneração de Exportações (LC 87/96), Complementação da União, de acordo com o valor mínimo nacional por aluno/ano, fixado para cada exercício. Para o FUNBEB além desses impostos, foram inseridos mais três impostos: Imposto sobre Transmissão *Causa Mortis* – ITCM, Imposto sobre Propriedade de Veículos Automotores – IPVA, Cota parte de 50 % do Imposto Territorial Rural – ITR devida aos municípios. No FUNBEB essa porcentagem foi aumentando gradativamente até chegar em 20% no ano de 2009.

Com isso temos uma receita própria para o Financiamento da Educação no país, o que vem a garantir a manutenção e os investimentos em educação.

2.4 ESTRUTURA SINDICAL

A estrutura⁹ sindical em geral foi descrita e analisada por vários autores destaca-se aqui Boito Junior¹⁰. Suas características básicas são a unicidade sindical, a investidura, o imposto sindical e as funções desempenhadas pela Justiça do Trabalho. A unicidade sindical nada mais é do que a limitação, por lei, da existência de mais de um sindicato oficial por categoria ou atividade econômica em uma mesma base territorial. A investidura sindical é o

⁹O conceito de estrutura é o de Gouveia e Ferraz (2011): “marco institucional que define legal e corporativamente o universo político e social da representação sindical” (2012, p.87).

¹⁰ Ver obra de Armando Boito Junior: O Sindicalismo de Estado no Brasil: uma análise crítica da estrutura sindical. São Paulo: HUCITER, 1991.

reconhecimento do sindicato como oficial pelo Ministério do Trabalho que confere a carta sindical. O imposto sindical é um tributo recolhido compulsoriamente dos empregados e empregadores todo ano independente de serem sindicalizados ou não com o objetivo de custear as atividades sindicais. Esta estrutura formou-se tendo como base legal a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), sancionada no governo Getúlio Vargas em 1943.

A CLT vetou o direito à sindicalização aos funcionários públicos e, conseqüentemente, não versou sobre sua estrutura organizativa. É com a Constituição Federal de 1988 que esta categoria trabalhista conquista o direito à livre associação sindical. No entanto, a Carta Magna não define regras para que o funcionalismo público exerça tal direito.

O caminho que os profissionais do magistério público, como parte do funcionalismo público encontrou para a organização sindical foi resultado, em parte, da influência exercida pela cultura desenvolvida no próprio sindicalismo dos trabalhadores em geral, diante dos seus contextos sociopolíticos regionais. “Assim, na prática, ainda que inspirada pela estrutura celetista, os sindicatos de professores se organizaram em formas estruturais diferenciadas, através do território nacional” (FERRAZ, GOUVEIA, 2011, p.06).

É válido destacar que, de acordo com a CLT e a CF 1988, a base territorial mínima para organização sindical é municipal, ou seja, só pode haver um sindicato oficial por ramo de atividade ou categoria trabalhista por município. É permitido também que sejam criados sindicatos por estado da federação.

Ferraz e Gouveia (2011), em estudo comparativo entre o estado do Mato Grosso do Sul e o Paraná, descreveram e analisaram formatos de estrutura sindical diferenciados.

No estado do Paraná, os profissionais do magistério público organizaram sindicatos de acordo com o pertencimento à sua respectiva rede de ensino, o que parece ser o formato mais encontrado no Brasil. O esquema, a seguir, ilustra esta informação:

Organização Sindical de Professores no Paraná

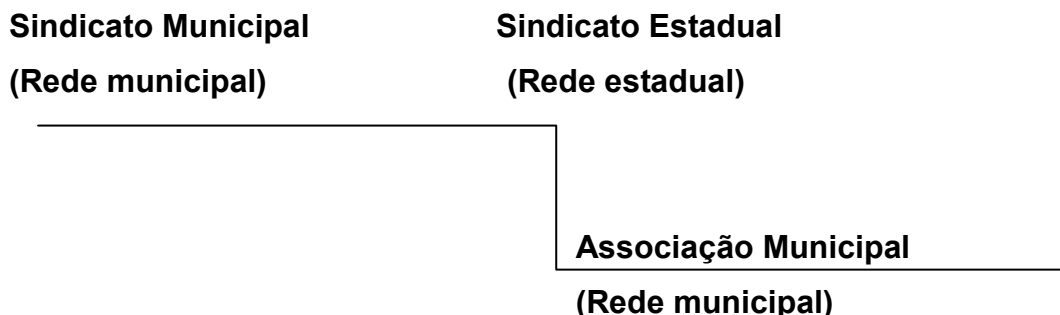


FIGURA 2 - ORGANIZAÇÃO SINDICAL DE PROFESSORES NO PARANÁ.

Fonte: FERRAZ; GOUVEIA (2011).

Para os docentes da rede estadual de ensino, há um sindicato de base estadual, a APP-Sindicato, assim como no estado de São Paulo e no Rio Grande do Sul, onde há a APEOESP (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo) e o CPERS-Sindicato (Centro dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul), respectivamente. Em determinadas redes municipais de ensino, constituíram-se sindicatos municipais.

Nos municípios do primeiro anel metropolitano de Curitiba encontram-se diferentes tipos de organizações que congregam docentes do setor público: sindicatos de base municipal que congregam apenas docentes municipais, sindicatos que congregam todos os servidores públicos municipais, um sindicato que representa os docentes da rede estadual de ensino do estado do Paraná e associações de professores municipais (Gouveia, 2012).

Em Curitiba, Campo Largo, Colombo e Araucária existem sindicatos que representam somente profissionais do magistério. Em Piraquara e Fazenda Rio Grande existem associações exclusivamente de docentes filiadas a APP-Sindicato dos Trabalhadores da Educação. Em São José dos Pinhais e Almirante Tamandaré os docentes congregaram-se juntamente com os demais servidores públicos, constituindo sindicatos por ramo de atividade, neste caso, de todo o funcionalismo público municipal. No município de Campo Magro não há entidade sindical própria, porém a APP-Sindicato presta assistência, por meio de um órgão chamado Secretaria de Assuntos Municipais (Gouveia, 2012).

No estado do Mato Grosso do Sul, outro exemplo tomado pelos autores, a organização sindical dá-se a nível municipal, tanto para os profissionais da rede estadual, como para os das redes municipais de ensino. Ainda há uma federação estadual, que congrega e representa o conjunto dos sindicatos municipais. Assim como no esquema à seguir:



FIGURA 2 - ORGANIZAÇÃO SINDICAL DE PROFESSORES NO MATO GROSSO DO SUL.

Fonte: FERRAZ; GOUVEIA (2011).

Para Ferraz e Gouveia:

Esta estrutura lhe confere características peculiares que desafiam o pensamento e a interpretação sociológica, pois a lógica de sua organização não se encontra no enquadramento jurídico dos seus representados, mas na divisão federativa do Estado. Este fato sugere uma relação potencialmente diferente entre as funções de representação corporativo-trabalhista e de formulador de políticas públicas que caracterizam os sindicatos de professores. Pois a organização dos trabalhadores não tem correspondência com o seu paralelo na estrutura da organização patronal (FERRAZ; GOUVEIA, 2011, p. 08).

Compreender a organização do sistema de ensino faz-se necessário, pois a distribuição de empregos, as condições de trabalho, a remuneração e a carreira docentes são elementos que variam de acordo com o contexto regional, devido a divisão de responsabilidades entre os entes federados e ao funcionamento do fundo público, que relacionados a estrutura dos sindicatos, desafiam a prática sindical.

3 O CONCEITO DE PERFIL

No dicionário Houaiss da língua portuguesa, uma das definições de perfil é “(...) linha de contorno de qualquer coisa apreendida numa visão de conjunto (...)” (HOUAISS;VILLAR,2009,p.1472). Tendo em vista este pressuposto, objetiva-se traçar o perfil do dirigente sindical docente, ou seja, verificar características deste grupo que os diferencia da categoria em geral.

A partir da leitura de pesquisas e estudos (Gatti (2009), Oliveira e Vieira (2010), Gouveia e Souza (2010)), buscamos elementos que identificam o perfil do professor no Brasil. Souza (2006) em seu trabalho define perfil como:

A compreensão do conceito de perfil neste trabalho coincide com a idéia de leitura das faces de um fenômeno, representando algo que carrega consigo características gerais desse determinado fenômeno, mostrando os seus modelos distintos. A constituição do perfil se edifica a partir da análise dos diferentes tipos, visando à identificação e caracterização da heterogeneidade com vistas à classificação em grupos mais homogêneos, com a intenção de, a partir desses grupos, conhecer as especificidades, o que diferencia e o que similariza os indivíduos componentes de cada grupo (SOUZA, 2006, p.190).

Com base neste pressuposto, objetivou-se neste trabalho constituir um perfil de dirigente sindical, mostrando as possíveis características que os distinguem e os aproximam dos demais profissionais da categoria do magistério, na rede municipal de Curitiba.

Para compor o cenário da profissão docente no Brasil, no tocante a formação inicial e continuada e a carreira, Bernadete Gatti e Elba Barreto (2009), pesquisadoras da Fundação Carlos Chagas, assumiram o projeto da UNESCO, que objetivou fornecer subsídios para os órgãos de administração educacional com vistas à valorização destes profissionais. Os resultados do projeto foram compilados no relatório intitulado “Professores do Brasil: impasses e desafios”. Para compor o perfil docente, Gatti e Barreto (2009) utilizaram as seguintes categorias de análise: sexo, perfil etário, raça/cor, nível de escolaridade, e posição socioeconômica dos professores, com base nos dados da Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílios (Pnad).

A Pesquisa “Trabalho Docente na Educação Básica no Brasil”, coordenada pela equipe de pesquisa do GESTRADO/UFMG e financiada pela

SEB/MEC (2010) consistiu na aplicação de questionário estruturado, aos professores da educação básica, em sete estados brasileiros pesquisados (Espírito Santo, Goiás, Minas Gerais, Pará, Paraná, Rio Grande do Norte e Santa Catarina).

Comparando os trabalhos de Gatti e Barreto (2009) e Oliveira e Vieira (2010), observa-se que existem categorias de análise comuns e diferenciadas para compor o perfil docente. O primeiro grupo constitui-se pelas seguintes categorias: sexo, idade, raça/cor, escolaridade. O segundo é formado pelas categorias: estado civil, filhos, situação funcional.

No trabalho de Gouveia e Souza (2010) foram utilizadas fontes do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) sobre os trabalhadores docentes, recolhidas no âmbito do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB) de 1997 e 2007. Analisaram como perfil as categorias: sexo, idade, formação, experiência profissional, salário. Além de: demanda e oferta de trabalho, funções docentes.

Com base nos trabalhos de Gatti e Barreto (2009), Gouveia e Souza (2010) e Oliveira e Vieira (2010), versar-se-á, na continuidade deste trabalho, sobre o perfil docente no Brasil definido aqui por meio das seguintes categorias: sexo, idade, raça/cor, estado civil, filhos, escolaridade, salário, exerce outra atividade.

3.1 O PERFIL DO PROFESSOR DA EDUCAÇÃO BÁSICA NO BRASIL

A grande maioria dos professores no Brasil, como em outros países, é formada pelo sexo feminino (Gouveia e Souza, 2011). No Brasil, grande parte do sexo feminino está concentrada nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Já os professores do sexo masculino, estão em sua maioria nas séries finais do Ensino Fundamental, como mostra GATTI (2009, p.24):

[...] a categoria dos professores é majoritariamente feminina (segundo a Pnad 2006, 83,1% *versus* 16,9% do sexo masculino), apresentando algumas variações internas conforme o nível de ensino. É assim que a quase totalidade dos docentes na educação infantil (98%) é de mulheres, prosseguindo com uma taxa de 88,3% no ensino fundamental como um todo e atingindo aí 93% entre os professores

de 1ª a 4ª séries com formação de nível superior. No ensino médio, por sua vez, são encontradas as maiores proporções de docentes do sexo masculino entre todas as demais modalidades da educação básica: 33% *versus* 67% do feminino.

Gouveia e Souza (2011) trazem dados atuais acerca da variação do percentual masculino, nas etapas da educação básica:

Nos últimos dez anos, houve um incremento da presença masculina nas séries iniciais, passando de 8,7% para 13% do grupo de profissionais. E, por outro lado, houve uma queda da presença masculina nas outras etapas da educação básica, caindo 2,5 pontos percentuais nas séries finais do ensino fundamental e 9 pontos percentuais no ensino médio. Acerca dessa variação, entretanto, são necessários mais dados, de uma curva de mais longa duração (20 ou 30 anos), para se saber se trata de uma tendência de alteração mais significativa ou se foi derivada de algum fator sazonal (Gouveia e Souza, 2011).

Ao verificar a distribuição por sexo dos professores por estado, constatou-se que a maior porcentagem de professores do sexo masculino está localizada no estado do Pará (30% masculina e 70% feminina), e a menor porcentagem no Paraná (12% masculina e 88% feminina) (Oliveira e Vieira, 2010). Isto pode ter uma relação com a dinâmica do mercado de trabalho em cada ente federado.

Em relação à idade dos professores no Brasil, a média era de 41 anos em 2010, ficando o estado de Goiás com a menor média, 39 anos, e Minas Gerais com a maior média, 42 anos (Oliveira e Vieira, 2010). Gouveia e Souza (2010) evidenciam um envelhecimento dos professores na educação básica brasileira nos últimos anos, visto que “em 1997 a população com mais de 56 anos de idade era de apenas 1,4%, em 2007 este grupo representa 5,2%” (GOUVEIA e SOUZA, 2010, p. 04).

Umas das possíveis causas deste fenômeno, segundos autores, são as reformas previdenciárias:

É possível que esta situação seja derivada das reformas previdenciárias, que exigiram que o trabalhador ficasse mais tempo na ativa e/ou que retornasse a trabalhar, mesmo após terem se aposentado, seja realizando novos concursos públicos, seja em regime de contratação temporária. Pode relacionar-se ainda com a criação de abonos dentro da carreira que tem incentivado a permanência na ativa de professores que já completaram seu tempo de aposentadoria (GOUVEIA e SOUZA, 2010, pag.4).

Quanto à raça/cor dos professores da educação básica no Brasil, metade é formada pela cor branca (50%), em seguida os pardos (35%),

pretas/negras (12%), amarela (2%) e indígena (1%) (OLIVEIRA E VIEIRA, 2010). Há também uma desigualdade nos níveis de ensino, onde os não brancos são encontrados em sua maioria na educação infantil e no ensino fundamental (GATTI, 2009).

Quanto ao estado civil, metade dos professores são casados (50%), seguido dos solteiros (32%), divorciados (7%), vive com companheiro (5%), separados (4%) e viúvos (2%). E 67% dos professores possuem filhos (OLIVEIRA E VIEIRA, 2010).

No que diz respeito à formação e considerando o grupo de sujeitos docentes que cursaram pelo menos o ensino superior, a maior parte é constituída por aqueles que fizeram curso de Licenciatura (55%), seguida pelos que cursaram Pedagogia (35%), e composto ainda pelos sujeitos docentes que fizeram Normal Superior e outros tipos de graduação equivalente a 5% cada categoria. Destes, 46% cursou seu curso na rede privada, 34% nas instituições públicas federais e 19% nas estaduais (OLIVEIRA e VIEIRA, 2010).

Em relação à formação dos docentes, existem trabalhos em que esta categoria é expressa através da quantidade de anos estudados e aqueles em que se preconiza o nível de escolaridade.

Gouveia e Souza (2010) apresentam a seguinte tabela sobre a formação docente entre no decênio de 1997 a 2007:

TABELA 1 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO BÁSICA POR NÍVEL DE FORMAÇÃO, 1997/2007.

	1997	2007
Nenhum	0,4	
Ensino Fundamental – 4ª série	1,1	0,1
Ensino Fundamental – 8ª série	1,4	
Ensino Médio – Magistério	36	11,3
Ensino Médio – Outros	8,4	1,7
Superior – Licenciatura		43,9
Superior – Outro	44,3	13,2
Superior – Pedagogia		26
Superior – Normal Superior	8,5	3,9

Pós-graduação	12,4	48,6
---------------	------	------

Fonte: MEC/INEP, 1997 e 2007 apud Gouveia e Souza (2010)

Obs.: Valores em percentuais.

Destaca-se, a diminuição de docentes com nenhuma formação e a nível fundamental e médio para 0,1% em 2007 e 26% dos docentes em 2007 possuíam graduação em Pedagogia, o que pode ser relacionado com a lei 9.495/1996, que instituiu a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, versando, entre outras coisas, sobre a formação para atuação na educação básica. De acordo com artigo 62º:

Art. 62º. A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal (art.62 da Lei nº 9495/1996).

A maior média de escolaridade dos professores da educação básica está no ensino médio, com 16 anos de estudo, seguido de 14 anos no ensino fundamental e 13 anos na educação infantil (GATTI, 2009). Provavelmente os docentes que possuem mais tempo de estudo, cursaram pós-graduação, e os com menos tempo de formação possuem apenas o ensino médio com magistério ou licenciatura curta.

Quanto ao salário dos professores da educação básica, a pesquisa de Oliveira e Vieira mostra que:

De forma geral, 65% dos entrevistados possuem renda de até três salários mínimos, sendo que 8% recebem menos de um salário mínimo, 30% mais de um a dois e 27% com mais de dois a três salários mínimos. Já em relação àqueles com maiores rendimentos, 6% recebem de cinco a sete salários, 2% de sete a dez e menos de 1% ganham mais de dez salários mínimos (OLIVEIRA & VIEIRA, 2010).

Essas diferenças salariais podem estar relacionadas com a rede na qual o professor trabalha (municipal, estadual, federal), que possuem diferentes remunerações. Ou também com o grau de formação do professor (ensino médio, graduado, pós-graduado) como analisa Gouveia e Souza:

Tem havido, seja por pressão dos movimentos sociais, seja por proposição das reformas educacionais, uma significativa alteração no perfil docente no que tange à maior formação. Isto tem relação tanto com as exigências legais, quanto ao necessário aperfeiçoamento e qualificação profissional, quanto com os (re) desenhos dos planos de carreira docente que, em alguma proporção, incorporam elementos

como aumento no nível de formação para progressão e melhor remuneração na carreira (GOUVEIA e SOUZA, 2010, pag.6).

Em relação aos professores que exercem outras atividades, 55% dos entrevistados afirmam trabalhar somente em uma unidade educacional, 19% atuam também na rede municipal, 18% na rede estadual, 8% na rede privada e 1% na rede federal (OLIVEIRA & VIEIRA, 2010).

Em síntese o professor brasileiro é predominantemente do sexo feminino, com idade entre 39 a 42 anos, de cor branca, casado, com filhos, com formação a nível superior e com renda de até três salários mínimos.

3.2 PERFIL DO DIRIGENTE SINDICAL.

Com vistas a fundamentar a presente pesquisa, buscaram-se trabalhos sobre o perfil do dirigente sindical docente. No entanto, trabalhos desta natureza não foram encontrados¹¹. Assim, optou-se buscar pelos que versassem sobre o perfil do dirigente sindical do setor privado, tendo em vista o pressuposto teórico-metodológico de Dal Rosso (2011), que sinaliza um dos caminhos para o estudo do sindicalismo docente, a saber: “(...) a partir do sindicalismo em geral olha-se o sindicalismo em educação” (DAL ROSSO, 2011, p.17).

Nesta perspectiva, encontraram-se dois trabalhos. Um sobre os sindicatos e dirigentes sindicais na Bahia (DRUNK *et al*, 2000) e outro sobre o dirigente sindical rural paulista (STEIN, 1997), os quais comporão o referencial teórico da presente pesquisa e que serão comentados nas linhas a seguir.

Druck *et al* (2000) entrevistaram 305 dirigentes sindicais congregados em 40 sindicatos localizados na Região Metropolitana de Salvador (RMS), no estado da Bahia, entre os anos de 1998/1999, pertencentes a diferentes setores do trabalho: serviços (191), indústria (100) e comércio (14).

¹¹ O banco de artigos e periódicos consultados foi o Scielo (www.scielo.br), com as palavras-chave sindicalismo docente, dirigente sindical, perfil do dirigente sindical.

Stein (1997) para expressar o perfil do dirigente sindical rural paulista aplicou 85 questionários a delegados sindicais no ano de 1993, em São Paulo, durante a realização do II Congresso do Departamento Estadual de Trabalhadores Rurais/DETR-SP. Ao todo, participaram da pesquisa 25 sindicatos rurais, representando 25% dos sindicatos existentes naquele ano no estado. Entre os dirigentes sindicais entrevistados estavam “presidentes de sindicatos, 31%; diretores com 23%; tesoureiros com 14%; secretários, com 15%; conselho fiscal, com 6%; e outras condições com 9%” (STEIN, 1997, p.57).

Para compor o perfil do dirigente sindical na Bahia foram utilizadas as seguintes categorias de análise: sexo, cor, faixa etária, escolarização, preferência partidária, filiação partidária, situação trabalhista (empregado, demitido, aposentado), tempo de trabalho na atividade profissional, condição de atuação sindical (liberado do emprego, profissionalizado pelo sindicato, não afastado do emprego), tempo médio de atuação sindical, trajetória sindical, tempo médio de trabalho na profissão, trajetória profissional e tempo médio de afastamento do exercício profissional.

Para compor o perfil do dirigente sindical rural paulista foram utilizadas as seguintes categorias de análise: caracterização socioeconômica (idade, sexo, estado civil, família, rendimento e escolaridade); vida profissional (visão prospectiva e atual da trajetória do trabalho, profissão e atividade principal, acesso a cursos profissionalizantes), vida sindical e ocupação (tempo médio de permanência nos cargos de representação, tempo de militância no movimento sindical, naturalidade, tempo de residência no estado de São Paulo, condições de liberação), perfil ocupacional (trabalhador rural, lavrador, assalariado rural, sindicalista, cortador de cana, etc.), voto sindical e preferências partidárias (motivo de filiação à CUT, preferência partidária, voto para prefeito).

Nos trabalhos de Drunk *et al* (2000) e Stein (1997) existem categorias de análise em comum, para compor o perfil do dirigente sindical. São elas: sexo, faixa etária, escolaridade e preferência partidária.

Em relação ao sexo, em ambos os trabalhos, viu-se que a participação masculina é expressivamente maior do que a feminina. Segundo Druck *et al*(2000), dos 305 dirigentes sindicais entrevistados, 242 são homens e 63 são

mulheres. Em outras palavras, a participação masculina é quatro vezes maior do que a feminina, chegando a 80% da ocupação dos cargos. Essa diferença é maior no setor industrial, pois 92% dos cargos são ocupados por homens e 8% por mulheres. No setor de serviços, a participação feminina é maior chegando a 28% contra 72% da masculina. Stein (1997) viu que a participação feminina é de apenas 13% entre os delegados sindicais paulistas, enquanto que a masculina é de 87%.

No tocante a idade, viu-se que enquanto Druck *et al* (2010) fala de grupos de faixas etárias (24 a 34 anos, por exemplo), Stein (1997) fala de gerações (geração de 50, 60, 70, 80 e 90). Em ambos os trabalhos, constatou-se a pequena participação de pessoas com idade mais jovem, 24 a 34 anos para Druck *et al* (2000) e geração de 90 para Stein (1997) e pequena participação de faixas etárias mais velhas, 46 a 56 anos para Druck *et al* (2000) e geração de 50 para Stein (1997).

No que diz respeito a escolarização, a maioria dos dirigentes sindicais baianos possuem o segundo grau completo ou mais (71%) e 37% possuem curso superior incompleto ou mais. Os dirigentes sindicais que possuem maior escolarização, curso superior completo (90%) e pós-graduação (93%), estão no setor de serviços. Já os que possuem menor escolarização (1º grau incompleto ou completo) pertencem ao setor industrial, significando 65% e 71%, respectivamente. Enquanto que entre os dirigentes sindicais rurais paulistas apenas 4% dos delegados sindicais ingressaram no ensino superior, 11% possuem o 2º grau completo, 6% não completaram, 18% possuem o 1º grau completo. A maioria possui a 4ª série do 1º grau completa (29%). Os que fizeram parcialmente o 1º grau somam 22% e os que nunca frequentaram escola somam 3% do total de entrevistados (STEIN, 1997). Isto pode ser explicado pela natureza do trabalho das categorias que estes sindicalistas representam, é de conhecimento geral que o trabalho rural exige ou oportuniza menos escolaridade.

A preferência partidária dos dirigentes sindicais baianos é maior pelo Partido dos Trabalhadores (PT) e Partido Comunista do Brasil (PC do B), pois 50% e 36% respectivamente afirmaram isso. Somente 5% dos dirigentes afirmaram não ter nenhuma preferência (DRUNK *et al*, 2000). Entre os

dirigentes sindicais rurais paulistas, a grande maioria respondeu que prefere o Partido dos Trabalhadores (82%), aquelas que não sabem ou não quiseram responder somam 12% e aquelas que citam o Partido Comunista do Brasil, Partido do Movimento Democrático Brasileiro, Partido Popular Socialista, Partido Social da Democracia Brasileiro, juntos, somam 6%.

Certamente não é caso de comparar o perfil dos professores com o perfil dos trabalhadores das categorias analisadas por Drunk e Stein, porém apresentar as categorias de perfil e a forma como os autores exploraram tais elementos é importante para embasar a análise que se apresentará a seguir. De toda maneira podemos dizer que o perfil do dirigente encontrado pelos autores é formado em sua grande maioria por homens, entre a faixa etária dos 34 a 46 anos, com escolarização a nível da educação básica. Os dirigentes sindicais baianos com o segundo grau completo ou mais (71%) e dirigentes paulistas com a 4ª série do primeiro grau completa (29%). E sua preferência partidária é pelo Partido dos Trabalhadores, 50% para os dirigentes baianos e 82% para os paulistas.

4 O PERFIL DO DIRIGENTE SINDICAL NA REDE MUNICIPAL DE CURITIBA

4.1 APRESENTAÇÃO DO SISMMAC E A RMEC

A rede municipal de ensino de Curitiba (RMEC), criada no ano de 1963 com a construção do Grupo Escolar Papa João XXIII, é composta atualmente por 11.918 cargos¹² efetivos de profissionais do magistério, distribuídos entre 576 estabelecimentos de ensino, de acordo com a tabela 1:

TABELA 2 - ESTABELECIMENTOS DA RME DE CURITIBA NO ANO DE 2013.

Tipo	Nº De Estabelecimentos em 2013
Centros Municipais de Educação Infantil (CMEI)	197
Escolas Municipais de Tempo Regular	140
Escolas Municipais de Tempo Integral	41
Escolas Municipais de Educação Especial	3
Faróis do Saber	45
Bibliotecas	2
Gibiteca	2
Centros Municipais de Atendimento Especializado	8
Unidades de Educação Integral vinculadas às escolas	51
Centros de Educação Infantil Conveniados	77
Núcleos Regionais de Educação	9
Centro de Capacitação	1
TOTAL	576

Fonte: Adaptado do Portal Cidade do Conhecimento (<http://www.cidadedoconhecimento.org.br>), Acessado em 07 de outubro de 2013.

Nestes estabelecimentos de ensino estão matriculados, no ano de 2013, cerca de 131.780 estudantes, distribuídos entre as etapas e modalidades de ensino de competência do município de Curitiba, de acordo com a tabela 3:

¹² Um profissional pode exercer mais de um cargo efetivo, sendo contabilizadas duas vezes.

TABELA 3 - NÚMERO DE MATRÍCULAS NA RME DE CURITIBA, NO ANO DE 2013, POR ETAPA E MODALIDADE DE ENSINO.

Ed. Infantil		Ensino Fundamental		EJA	Educação Especial	Total
Creche	Pré-Escola	1ª a 5ª série	6ª a 9ª série	Fund.		
22685	11348	85501	6910	2103	3233	131780

Fonte: INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa. Disponível em <<http://portal.inep.gov.br/basica-censo-escolar-matricula>>. Acessado em 21 de outubro de 2013.

Os profissionais da educação da RME de Curitiba que atuam nestas diferentes modalidades de ensino são professores nas series iniciais e finais do ensino fundamental, pedagogos em todas as unidades e educadores na educação infantil. Estes são representados, frente à Prefeitura, por duas entidades sindicais diferentes. Os educadores, profissionais que trabalham exclusivamente com a etapa da educação infantil em CMEI, são representados pelo Sindicato dos Servidores Públicos Municipais de Curitiba (SISMUC) que congrega outros funcionários públicos do município, enquanto que os professores e pedagogos são representados pelo Sindicato dos Servidores do Magistério Municipal de Curitiba (SISMMAC). Segundo Donato, “congregar diferentes segmentos de trabalhadores em educação em uma mesma entidade sindical é uma questão antiga, que surgiu já na época da fundação do SISMMAC, mas que ainda hoje é pauta de discussão” (DONATO, 2012, p. 103).

Esta divisão de categorias na rede municipal de ensino de Curitiba pode ser visualizada no diagrama abaixo:

Organização Sindical entre os Servidores Municipais de Curitiba

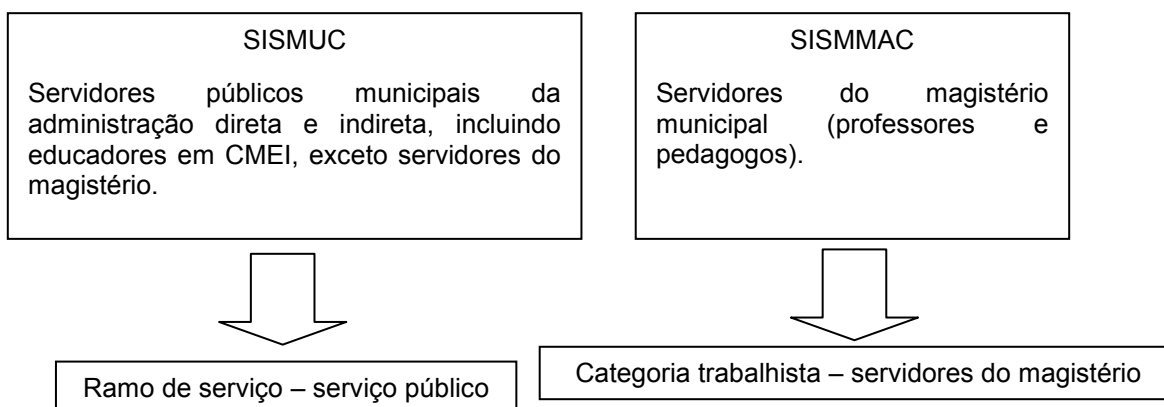


FIGURA 3 – ORGANIZAÇÃO SINDICAL ENTRE OS SERVIDORES MUNICIPAIS DE CURITIBA.

FONTE: AS AUTORAS (2013)

Destaca-se, entre os profissionais do magistério de Curitiba, o modelo organizacional de representatividade sindical por categoria trabalhista – profissionais do magistério com a mesma formação - em detrimento a aquele por ramo de atividade- que congregaria todos os trabalhadores em unidades educacionais independente da formação.

A APP-Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Paraná (APP-Sindicato) é a entidade que congrega todos os trabalhadores da educação (professores, pedagogos e agentes educacionais) da rede pública de ensino do estado do Paraná. Seu modelo organizacional é por ramo de atividade, que neste caso é o da educação, pois o sindicato representa diferentes profissionais, que exercem atividades docentes e não docentes.

O SISMMAC, por sua vez, representa somente os profissionais do magistério da rede municipal de ensino de Curitiba, professores das séries iniciais e finais do ensino fundamental e pedagogos, portanto é uma organização por categoria.

Optar por um modelo de estrutura sindical em detrimento de outro é uma opção para servidores públicos, devido ao fato de que, juridicamente, o sindicalismo deste segmento trabalhista não é regulado pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) e nem por outra legislação específica. Apesar disto, Gouveia & Ferraz (2006) apontam que “(...) a cultura, desenvolvida no interior dos sindicatos de trabalhadores da área privada, sob os marcos legais da CLT,

inspirou a organização do sindicalismo do setor público (...)” (GOUVEIA; FERRAZ, 2006, p. 06).

Para representar a base de professores e pedagogos dos anos iniciais e finais do ensino fundamental da RME de Curitiba, o SISMMAC dispõe de uma estrutura organizativa composta pelos seguintes órgãos: Diretoria, Conselho Fiscal e o Corpo de Suplentes.

Os membros da Diretoria dividem-se em dois grupos: executiva e a ampliada. A Diretoria Executiva é formada por aqueles que estão liberados do trabalho como professores/pedagogos em estabelecimentos de ensino para dedicarem-se ao trabalho sindical, somando nove pessoas. A Diretoria ampliada é composta por aqueles que não estão liberados do trabalho docente, permanecendo nos locais de trabalho, somando dezoito pessoas.

A Diretoria Executiva é composta por nove membros, distribuídos nos seguintes cargos: presidente, vice-presidente, 1º secretário, 2º secretário, 1º tesoureiro, 2º tesoureiro, diretor pedagógico e cultural, diretor de imprensa e divulgação, diretor de formação sindical. Nos anos de 2010 e 2011 a Diretoria Executiva foi dividida em coordenações (política, de formação, institucional).

O Conselho Fiscal é composto por cinco membros e cinco suplentes. Sua atribuição é fiscalizar a gestão financeira e patrimonial do sindicato, através da emissão de parecer sobre o Plano Orçamentário Anual. Reúne-se mensalmente com a Diretoria Executiva e com o Conselho de Representantes.

O SISMMAC possui três instâncias consultivas e deliberativas: o Conselho de Representantes, a Assembleia e o Congresso.

O Conselho de Representantes é um órgão formado por professores de cada estabelecimento de ensino e departamento, dois por turno escolar, um efetivo e outro suplente, que são eleitos através de processo eletivo realizado anualmente. Reúne-se mensalmente para discutir questões pertinentes à categoria, juntamente com a Diretoria Executiva e o Conselho Fiscal, representando cada local de trabalho (unidade, escola ou departamento da rede de ensino).

As Assembleias podem ser ordinárias, ou seja, previstas e realizadas periodicamente ou extraordinárias, realizadas sempre que houver necessidade. As ordinárias são: a Assembleia Geral Ordinária (pode ser convocada pelo

Presidente do sindicato, a maioria da Diretoria Executiva, Conselho Fiscal e pela maioria dos componentes do Sistema Diretivo do sindicato); a Assembleia Geral Eleitoral (trianual), a Assembleia Patrimonial (anual) e a Assembleia Geral de apreciação do Balanço Financeiro (anual). As extraordinárias são chamadas de Assembleias Gerais Extraordinárias e podem ser convocadas por, no mínimo, 5% dos associados munidos de justificativa coerente.

O Corpo de Suplentes é constituído por quatorze membros que ficam disponíveis para substituir qualquer membro efetivo da Diretoria Executiva e Conselho Fiscal, caso haja necessidade.

Com a finalidade de “analisar a situação real da categoria, as condições de funcionamento e desenvolvimento da sociedade brasileira e a definição do programa de trabalho do Sindicato” (SISMMAC. 1988), o SISMMAC realiza o Congresso com seus associados. É realizado ordinariamente no primeiro semestre após a posse do Sistema Diretivo e extraordinariamente, sempre que houver necessidade, convocado pelos membros do Sistema Diretivo.

Para manter informada a categoria docente, o SISMMAC possui dois tipos de publicações impressas que também ficam disponíveis digitalmente no site da entidade: o jornal e a revista. O jornal do SISMMAC chama-se Diário de Classe. Sua tiragem é mensal. Além de trazer a tabela salarial e a prestação de contas de cada mês, o jornal aborda uma variedade de assuntos como cultura, a história de vida de um profissional do magistério aposentado, análise sobre a conjuntura sindical, etc.

A revista do SISMMAC chama-se Chão de Escola. Sua tiragem é anual. Está em sua décima edição. Reúne artigos escritos pelos próprios profissionais do magistério da rede municipal de ensino de Curitiba, com o objetivo de “(...) ampliar e disseminar conhecimentos técnicos e científicos e de estimular o intercâmbio de experiências (...)” (SISMMAC b, 2012, p.03). Seu conselho editorial é composto por membros da Diretoria do sindicato.

Para manter-se mais próximo da categoria dos profissionais do magistério e de outros movimentos sociais, o SISMMAC criou um site¹³ e duas

¹³ <http://www.sismmac.org.br/>

páginas nas redes sociais *facebook* (4.571 membros¹⁴) e *twitter* (191 membros)¹⁵

Através do site do sindicato é possível ter acesso a diversos tipos de informações relativas à categoria docente. Para se ter uma ideia desta diversidade, apresenta-se, a seguir, os menus que o constituem: conheça o SISMMAC (dividido em outros quatro: entidade, direção sindical, estatuto e prestação de contas), sindicalize-se, fale conosco, agenda, aposentados, arquivos para baixar, galeria de imagens, jurídico, multimídia, notícias, publicações, tabela de vencimentos e boletim do SISMMAC (onde o usuário pode cadastrar seu e-mail e receber notícias do sindicato).

A página na rede social *facebook* foi criada no ano de 2010, intitulada Sismmac Sindicato¹⁶ e é aberta para todos as pessoas interessadas em assuntos relacionados a categoria docente. Na página encontram-se postagens diárias, entre elas, a criação de eventos. Neste ano, por exemplo, entre os eventos criados estão: atos em defesa da educação pública, assembleias, bailes do professor, seminários, etc.

A criação de páginas em redes sociais pode ser relacionada ao apontamento de Oliveira & Melo (2006), ao analisarem os conflitos docentes entre os anos de 1998 a 2003 no Brasil. Para os referidos autores, existe a necessidade de revisão das estratégias de luta desenvolvidas pelos sindicatos e seus representados, tendo em vista a obtenção de irrisórios resultados pelo Sindicato Único dos Trabalhadores da Educação (SINDIUTE/MG). As razões que levam o SISMMAC a diversificar as formas de comunicação com a categoria não estão em debate aqui, apenas destaca-se que esta diversificação de estratégias tem sido identificada também por outros pesquisadores.

Em relação a sua infraestrutura, o SISMMAC atualmente dispõe de quatro veículos, *tablets*, GPS, telefone fixo, aparelhos celulares, computadores, projetor, etc. (SISMMAC, 2013). No entanto, ainda não possui uma sede

¹⁴Consulta realizada no dia 16 de outubro de 2013 às 16:01 horas.

¹⁵O *twitter* é uma rede social pouco utilizada no Brasil em comparação ao *facebook*.

¹⁶ Esta estratégia de criação de páginas no *facebook* está sendo adotada por outros sindicatos, tanto do setor público como do privado. Como exemplos têm-se dois sindicatos docentes do primeiro anel metropolitano de Curitiba: o Sindicato dos Servidores do Magistério Municipal de Araucária (SISMMAR) e o Sindicato do Magistério Municipal de Campo Largo (SMMCL). Existe também o caso do Sindicato do Magistério Municipal de Cambé (SIMMPPUC).

própria. A atual sede é localizada na região central de Curitiba, dispondo de amplo espaço para as reuniões da categoria.

O SISMMAC ainda dispõe de conta poupança e corrente, uma aplicação financeira para aquisição de uma sede e um fundo de greve. Usufrui e dispõe de assessorias e serviços de: contabilidade, advocacia, economia (Dieese), comunicação (jornalista). Para os funcionários contratados pelo sindicato são oferecidos assistência médica e plano odontológico (SISMMAC, 2013).

Esta apresentação geral do sindicato é importante na medida em que as práticas desenvolvidas pelos dirigentes sindicais relacionam-se com as condições que a própria estrutura organizativa e material da rede de ensino e da estrutura sindical proporciona.

4.2 QUEM É O DIRIGENTE SINDICAL

Conhecer o dirigente sindical docente requer situá-lo no contexto das últimas quatro gestões que coordenaram o SISMMAC na última década, como mostra o quadro 1:

QUADRO 1 - GESTÕES DO SISMMAC, 2003-2014.

Nome da Gestão	Ano
Novos Rumos. A alternativa de luta.	2011-2014
É tempo de resistir, é tempo de conquistar.	2008-2011
Persistir na esperança, persistir na luta	2006-2008
Ousar lutar, ousar vencer!	2003-2005

Fonte: Pauta de Reivindicações do SISMMAC.

Ao todo, participaram da pesquisa oito pessoas, sete ex-dirigentes sindicais e um pertencente à atual gestão do SISMMAC. Iniciar-se-á o debate do perfil pelas categorias de análise que compõem o perfil pessoal e profissional, a saber: sexo, idade, naturalidade, cor/raça, estado civil, filhos, profissão dos pais, orientação religiosa, estudou em escolas públicas ou privadas, escolarização, filiação partidária, participação em movimentos sociais, participação em órgãos estudantis na educação básica e na

graduação, tempo de experiência na educação básica, atuação profissional da RMEC, participação no Conselho de Representantes de Escola do SISMMAC, exercício do cargo de diretor de escola e tempo de sindicalização no SISMMAC.

Dos oito dirigentes sindicais apenas um é do sexo masculino enquanto sete são do sexo feminino. Este dado reflete a realidade da composição sexual do magistério que é majoritariamente feminina, no Brasil, variando de acordo com os níveis da educação básica.

QUADRO 2 - ESTRATIFICAÇÃO SEXUAL.

Entrevistados	Sexo	
	Masculino	Feminino
A		X
B		X
C		X
D		X
E		X
F		X
G	X	
H		X

FONTE: ENTREVISTAS (2013).

No tocante a idade dos dirigentes sindicais, viu-se que apenas um é da faixa dos vinte a trinta anos, quatro são da faixa dos trinta aos quarenta anos e três são da faixa dos quarenta aos cinquenta anos de idade. Tendo uma média de 39 anos, o que se aproxima com a média dos professores brasileiros que é de 41 anos. Como podemos ver no quadro 3:

QUADRO 3 - IDADE DOS DIRIGENTES SINDICAIS ENTREVISTADOS

Entrevistados	Idade
A	34
B	44
C	39
D	39
E	36
F	49
G	26
H	47

FONTE: ENTREVISTAS (2013).

Em relação à naturalidade, verificou-se que dos oito dirigentes sindicais, seis nasceram no município de Curitiba, um nasceu em Piraquara, município da Região Metropolitana de Curitiba e um nasceu em Ivaiporã, município do interior do estado do Paraná, como podemos observar no quadro 4:

QUADRO 4 – NATURALIDADE DOS DIRIGENTES SINDICAIS.

Entrevistados	Naturalidade
A	Curitiba/PR
B	Curitiba/PR
C	Curitiba/PR
D	Curitiba/PR
E	Ivaiporã/PR
F	Curitiba/PR
G	Piraquara/PR
H	Curitiba/PR

FONTE: ENTREVISTAS (2013).

No que diz respeito à cor/raça, verificou-se que todos os dirigentes sindicais se declararam brancos. A seleção das entrevistas não teve a intenção de ser uma amostra representativa de todos os dirigentes, mas uma seleção aleatória a partir da disponibilidade dos entrevistados para possibilitar a análise exploratória. Ainda assim, chama a atenção que encontramos neste conjunto de sujeitos 100% de autodeclarados brancos enquanto na composição do perfil do professor no Brasil, este grupo racial é a metade (50%) formada por

peessoas que se declararam brancas (Oliveira e Vieira, 2009), de acordo com o quadro 5:

QUADRO 5 - COMPOSIÇÃO COR/RAÇA.

Entrevistados	Cor/Raça
A	Branca
B	Branca
C	Branca
D	Branca
E	Branca
F	Branca
G	Branca
H	Branca

FONTE: ENTREVISTAS (2013).

Dos oito dirigentes sindicais entrevistados, cinco estão casados e três estão solteiros, o que está de acordo com os dados de Oliveira e Vieira (2010), que dizem que metade dos professores é casada e apenas 32% são solteiros, de acordo com os dados do quadro 6:

QUADRO 6 - ESTADO CIVIL.

Entrevistados	Estado Civil
A	Casado
B	Solteiro
C	Casado
D	Casado
E	Casado
F	Solteiro
G	Solteiro
H	Casado

FONTE: ENTREVISTAS (2013).

Em estudo sobre o perfil docente, Oliveira e Vieira (2010) verificaram que 67% disseram possuir filhos. Em relação aos dirigentes sindicais, metade possuem filhos e a outra metade não, como podemos observar no quadro 7:

QUADRO 7 - FILHOS.

Entrevistados	Filhos	
	Sim	Não
A	X	
B		X
C		X
D	X	
E	X	
F		X
G		X
H	X	

FONTE: ENTREVISTAS (2013).

Em relação à profissão dos pais, observou-se que os dirigentes sindicais, assim como os docentes em geral, possuem dupla origem social (FERRAZ; GOUVEIA, 2012). Apesar deste contraste, a maioria dos dirigentes é de origem social humilde, assim como evidencia a fala da dirigente sindical D:

Tínhamos uma vida modesta, pois os tempos eram de muita carestia. Morávamos em bairro bastante periférico, na região metropolitana (São José dos Pinhais) com valetas a céu aberto e sem acesso a transporte público. Andávamos muito a pé, pois não tínhamos carro (que era um luxo para poucos). (Entrevistado D).

A fala da dirigente sindical E reforça o argumento anterior:

Sou filha de trabalhadores rurais sem terra que migraram para Curitiba nos anos 80, tenho seis irmãos e todos muito jovens começaram a trabalhar, estudaram pouco por falta de oportunidade (Entrevistado E).

Entre a profissão dos pais, pode-se destacar a de advogado, pois para exercê-la é necessário curso superior. Entre a profissão das mães, observa-se que três são do lar, duas são professoras (uma com formação em nível de magistério e outra em nível superior), uma secretária, uma cozinheira e uma comerciante.

QUADRO 8 - PROFISSÃO DOS PAIS.

Entrevistados	Profissão dos Pais	
	Pai	Mãe
A	Militar	Do lar
B	Motorista/Vendedor	Do lar
C	Advogado	Professora (graduação)
D	Policial Militar	Secretária
E	Porteiro	Cozinheira
F	Alfaiate	Professora (magistério)
G	Porteiro	Comerciante
H	Funcionário Público	Do lar

FONTE: ENTREVISTAS (2013).

Entre os oito dirigentes sindicais três declararam ser cristãos (um praticante e dois não praticantes), um disse ser cristão “alternativo” (não tem uma religião definida, frequenta variadas igrejas), dois afirmaram ser ateus (não acreditam na existência de um ou vários deuses), um é agnóstico (não nega a possibilidade da existência de deus) e um é simpatizante do Budismo e Espiritismo Kardecista. Verificou-se a hegemonia de orientação religiosa cristã, como podemos verificar no quadro 9:

QUADRO 9 - ORIENTAÇÃO RELIGIOSA.

Entrevistados	Orientação Religiosa
A	Católico praticante
B	Cristão "alternativo"
C	Ateu
D	Agnóstico
E	Católico não praticante
F	Simpatizante do Budismo e Espiritismo Kardecista
G	Ateu
H	Católico não praticante

FONTE: ENTREVISTAS (2013).

Dos dirigentes sindicais entrevistados, a maioria estudou a educação básica predominantemente em escolas públicas, o que é esperado considerando as informações sobre a origem social dos mesmos. Apenas um dos oito entrevistados estudou em escola privada.

QUADRO 10 - ESCOLARIZAÇÃO BÁSICA DOS DIRIGENTES POR REDE DE ENSINO.

Entrevistados	Na educação básica, estudou predominantemente em escolas:	
	Públicas	Privadas
A	X	
B	X	
C		X
D	X	
E	X	
F	X	
G	X	
H	X	

FONTE: ENTREVISTAS (2013).

No que diz respeito à educação superior, todos os oito entrevistados possuem graduação. Cinco dirigentes sindicais possuem especialização. Sendo uma especialização em Supervisão Escolar, uma em Educação Infantil e quatro em Organização do Trabalho Pedagógico. Dos oito entrevistados, cinco possuem mestrado, um em História e quatro em Educação. E dos oito, quatro dirigentes estão cursando o Doutorado em Educação. Estes dados mostram que o nível de escolarização dos dirigentes sindicais é elevado em comparação aos docentes na RMEC. O quadro 11 exprime as informações sobre a escolarização:

QUADRO 11: ESCOLARIZAÇÃO SUPERIOR.

Entrevistados	Escolarização			
	Graduação	Especialização	Mestrado	Doutorado
A	X		X	X
B	X	X		
C	X	X	X	X
D	X		X	X
E	X	X	X	X
F	X	X		
G	X			
H	X	X		

FONTE: ENTREVISTAS (2013).

Em relação à filiação partidária, observou-se que dos oito dirigentes cinco são filiados. Destaca-se a predominância do Partido dos Trabalhadores

(PT). Dos três dirigentes que afirmaram não serem filiados a nenhum partido, um disse estar com sua filiação em “*stand by*”, em outras palavras, está em sobreaviso, pois na última eleição apoiou outro candidato à prefeitura de Curitiba, que não o do seu partido. O tempo de filiação variou de 4 a 23 anos, como podemos ver no quadro 12:

QUADRO 12 - FILIAÇÃO PARTIDÁRIA, PARTIDO POLÍTICO E TEMPO DE FILIAÇÃO.

Entrevistados	Filiação Partidária		Partido Político	Tempo de Filiação
	Sim	Não		
A		X*		
B	X		PT	11 anos
C	X		PT	mais de 10 anos
D		X		
E	X		PT	10 anos
F	X		PT	23 anos
G		X		
H	X		PT	4 anos

FONTE: ENTREVISTAS (2013). X*=FILIAÇÃO NO PT EM SOBREAVISO.

Apesar da maioria dos dirigentes sindicais serem filiados a partido político, verificou-se em suas falas que a pouca participação em atividades relacionadas a militância. Como exemplo, a fala da dirigente sindical C:

Participo pouco das atividades partidárias. Participo de algumas reuniões de uma das tendências do partido (Entrevistado C).

Verificou-se que além dos dirigentes sindicais participarem do movimento sindical, eles participaram de outros movimentos sociais como militantes e não como membros de diretoria. Dos oito dirigentes entrevistados, cinco disseram ter participado da Marcha das Mulheres. Outros movimentos sociais foram citados, tais como: Central dos Movimentos Sociais (CMS), Central Única dos Trabalhadores (CUT), Fórum Paranaense em Defesa da Escola Pública, Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), Intersindical e o Movimento Estudantil.

A fala do dirigente sindical G ilustrou sua participação em movimentos sociais:

Participo da Intersindical, movimento que reúne sindicatos e oposições que não se venderam ao governo e romperam com a política de recuo capitulada pela CUT e demais centrais sindicais.

Tem sido um lugar importante de reconhecer a parte da nossa classe que se mantém firme na luta pela transformação da sociedade (Entrevistado G).

A dirigente sindical D comentou sobre sua participação no Fórum Paranaense em Defesa da Escola Pública e na CUT:

No Fórum eu fui participante tímida. Participava das sessões plenárias, anda mais. No âmbito da CUT, fui membro do da diretoria, participando de várias campanhas, apoiando movimentos de companheiras e companheiros de outros sindicatos, participei também de um Congresso Estadual e um Nacional, ambos em 2003 (Entrevistado D).

Por meio da fala da dirigente sindical A, percebeu-se que esta participação em outros movimentos sociais deu-se em razão da participação no movimento sindical: *Quando eu estava na direção do SISMMAC, a gente participava mais porque já tinha esse princípio de atuar junto aos outros movimentos, Movimento de Mulheres, a Central dos Movimentos Sociais (CMS), Grito dos Excluídos, Primeiro de Maio, tinha muita coisa. E, assim, tinha esse princípio de solidariedade junto aos outros movimentos. Então, na época da direção, a gente não tinha muita escolha. A gente tava praticamente todo final de semana militando em algum movimento.*

Este princípio de solidariedade aos outros movimentos sociais pode ser visto também na fala da dirigente sindical H:

Entrei no sindicato e acompanhei a Marcha das Mulheres porque era membro da CUT e do SISMMAC (Entrevistado H).

QUADRO 13 - PARTICIPAÇÃO EM MOVIMENTOS SOCIAIS.

Entrevistados	Participa (ou) de Movimentos Sociais?	
	SIM	NÃO
A	X	
B	X	
C	X	
D	X	
E	X	
F	X	
G	X	
H	X	

FONTE: ENTREVISTAS (2013).

Uma das hipóteses sobre o perfil do dirigente sindical que ocorreu foi a de ele ser participado de coletivos na educação básica e no ensino superior antes da atuação sindical. Como resposta, obteve-se que todos os dirigentes participaram destes espaços coletivos como representantes de turma, membros do Grêmio Estudantil, centro acadêmico ou diretório. Como mostra os quadros 14 e 15:

QUADRO 14 - PARTICIPAÇÃO EM ÓRGÃO DE REPRESENTAÇÃO ESTUDANTIL NA EDUCAÇÃO BÁSICA.

Entrevistados	Na educação básica, participou de órgão de representação estudantil?		Representante de turma	Grêmio Estudantil
	Sim	Não		
A	X			X
B	x			X
C	x		X	
D	x		X	
E	x			X
F	x		X	
G	x		X	
H	x			X

FONTE: ENTREVISTAS (2013).

A dirigente sindical A falou sobre sua participação no Grêmio Estudantil:

No ensino médio participei do Grêmio Estudantil na escola. E era um grupo ligado ao PC do B, ao partido PC do B, na época. Não eu. Uma boa parte dos integrantes era. E é isso. Ficamos uma gestão, em torno de um ano e meio, dois anos no Grêmio no ensino médio. (...) As pautas eram ligadas a cultura, as festas na escola, a garota do colégio. Não tinha muito embate com os professores (...).(Entrevistado A).

Dirigente sindical B:

(...) No antigo segundo grau participava do Grêmio Estudantil, 1987, 1988 por aí, no Colégio Estadual (...). Naquela época era muito mais por afinidade, pelos colegas; a gente achava que podia mudar. (...) No colégio a gente organizava um jornal, não sei se tinha um caráter tão crítico pra época. Não tinha essa perspectiva. Lembro que participei um tempo. Era a nível médio. O antigo segundo grau. (Entrevistado B).

QUADRO 15 - PARTICIPAÇÃO EM ÓRGÃO DE REPRESENTAÇÃO ESTUDANTIL DURANTE A GRADUAÇÃO.

Entrevistados	Na graduação, participou de órgão de representação estudantil?		Centro Acadêmico	Diretório	Representante de Turma
	Sim	Não			
A		X			
B		X			
C	X		X		
D		X			
E		X			
F		X			
G	X		X		
H	X				X

FONTE: ENTREVISTAS (2013).

Durante a graduação, em Pedagogia em sua grande maioria, apenas três dirigentes sindicais afirmaram ter participado de órgão de representação estudantil. Em contrapartida, os que afirmaram não ter participado disseram que não tiveram condições de participar devido a dupla jornada diária de trabalho e estudo. Assim como revela a fala da dirigente sindical D: *como precisava conciliar o estudo com o trabalho limitei-me a realizar apenas as atividades curriculares, participando eventualmente, de algumas atividades de extensão.*

No que diz respeito ao tempo de experiência na educação básica, observou-se que cinco dirigentes estão na faixa de 11 a 14 anos de experiência, um tem 19 anos e um tem 21 anos. Entre os entrevistados, o que possui apenas 3 anos e meio de experiência é o que possui menor idade, apenas 26 anos.

QUADRO 16 - TEMPO DE EXPERIÊNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA.

Entrevistados	Tempo de experiência na Educação Básica
A	11 anos
B	11 anos
C	19 anos
D	14 anos
E	13 anos
F	12 anos
G	3,5 anos
H	21 anos

FONTE: ENTREVISTAS (2013).

Todos os dirigentes sindicais atuaram nas séries iniciais do ensino fundamental, apenas dois atuaram também nas séries ao longo de sua trajetória na RMEC.

QUADRO 17 - ATUAÇÃO PROFISSIONAL DA RMEC.

Entrevistados	Professor (a) EF - séries iniciais	Professor (a) EF séries finais
A	X	
B	X	
C	X	
D	X	X
E	X	
F	X	X
G	X	
H	X	

FONTE: ENTREVISTAS (2013).

Todos os dirigentes sindicais participaram do Conselho de Representes do SISMMAC, geralmente no início de sua trajetória no movimento sindical. Tal característica remete a importância que a literatura sobre sindicalismo já dá a ideia de organização por local de trabalho, no caso do magistério o representante de escola faz esta ponte entre o sindicato e o local de trabalho.

QUADRO 18 - PARTICIPAÇÃO NO CONSELHO DE REPRESENTANTES DO SISMMAC.

Entrevistados	Foi representante de escola?		Tempo como Representante de Escola
	SIM	NÃO	
A	X		2 anos
B	X		1 ano
C	X		10 anos
D	X		2 anos
E	X		5 anos
F	X		8 anos
G	X		1 ano
H	X		10 anos

FONTE: ENTREVISTAS (2013).

Verificou-se que nenhum dirigente sindical exerceu o cargo de diretor de escola ao longo de sua trajetória na RMEC, fato contrário a hipótese das autoras de que este cargo de liderança seria ocupado pelos mesmos. Isto pode estar relacionado com a natureza do trabalho exercido pelo diretor de escola que é diferente do trabalho como dirigente sindical.

QUADRO 19 - EXERCÍCIO DO CARGO DE DIRETOR DE ESCOLA.

Entrevistados	Exerceu cargo de diretor?	
	SIM	NÃO
A		X
B		X
C		X
D		X
E		X
F		X
G		X
H		X

FONTE: ENTREVISTAS (2013).

Percebeu-se que a entrada no movimento sindical docente pelos dirigentes sindicais se deu, basicamente, por três fatores, que muitas vezes sobrepõem: convite de colegas de trabalho/amigos, as condições de trabalho na rede de ensino e posicionamento político.

O convite de colegas de trabalho para ingressar no movimento sindical é evidenciado na fala da dirigente sindical H:

Na escola em que fui trabalhar todas as colegas participavam do sindicato então não tinha como não participar e assim foi. Todo mundo incentivou (Entrevistado H).

A fala da dirigente sindical D reforça o argumento:

Minha aproximação aconteceu por vínculo de amizade (fiz o curso de magistério com a Berenice¹⁷, que foi quem me chamou para participar do grupo de estudos no SISMMAC). (Entrevistado D).

O segundo fator para a entrada no movimento sindical docente citado, como dito anteriormente, foram as insatisfatórias condições de trabalho na rede de ensino, como visto na fala do dirigente sindical G:

A realidade da vida docente é muito dura. Foi impossível virar professor e não me envolver na luta por uma vida melhor (Entrevistado G).

A fala da dirigente sindical E ilustra sua entrada no movimento sindical devido às condições de trabalho na rede de ensino e por seu posicionamento político:

(...) Entrei na rede num momento muito duro, na gestão do Cássio Taniguchi. Uma gestão marcada por políticas neoliberais, de muito desrespeito aos trabalhadores. As condições de trabalho foram degradadas em muitos aspectos, arrocho salarial com recomposição parcelada da inflação, acho que estas condições e meu posicionamento político de esquerda me fizeram trilhar esse caminho (Entrevistado E).

Na fala da dirigente sindical B observa-se a questão do posicionamento político adquirido em sua formação universitária para o ingresso no movimento sindical docente:

Porque eu achava que tinha que estar sabendo. Eu ia lá no sindicato pra saber o que estava acontecendo com a minha vida, com a vida dos meus colegas. Porque assim: na rede municipal tanto como na rede estadual no geral você tem que estar todo dia sabendo o que está acontecendo, estar participando na garantia dos direitos que você adquiriu e não perder direitos conquistados. Então, quando eu entrei na rede era o prefeito Cássio Taniguchi. Eu sempre atribuí a minha formação, a possibilidade de formação que eu tive na universidade (Entrevistado B).

A trajetória dos dirigentes sindicais entrevistados em geral começa com a filiação a um sindicato docente (SISMMAC ou APP-Sindicato) ou associação,

¹⁷ Berenice é um nome fictício, pois tratava-se de outra dirigente sindical que participou da pesquisa.

motivados pelos fatores anteriormente citados, passa pela participação no Conselho de Representantes de Escola e chega a ocupação de cargo na Direção Executiva do sindicato (liberada ou ampliada). Alguns dirigentes afirmaram ter participado, antes de chegar a Diretoria, de Grupos de Estudo ou Comissões de Negociação.

A dirigente sindical B contou como foi sua trajetória no movimento sindical:

Então a minha trajetória se inicia em 2002 quando eu entrei na rede municipal (de Curitiba). Eu me filio ao SISMMAC e em 2003 eu começo a ir na reunião de Representantes. Sim, eu fui pra escola e ela não tinha representante pro sindicato. Eu ia participar no horário contrário de trabalho. Como eu não era representante eleita, não poderia sair no horário de trabalho da escola. (...) Meu concurso era pra 4 horas pra tarde e pela manhã eu ia pro sindicato. Em 2003 quando comecei a participar pra saber o que estava acontecendo, eu fui chamada pra concorrer à Comissão de Negociações. (...) em 2004 continuei participando. (...) participava de todas as instâncias do sindicato. Em 2005 saí na chapa. Foi a primeira vez que eu concorri a eleição pro sindicato. Nós fomos eleitos daí continuei na escola. Em 2006 participava da Direção liberada. (...) Em 2011 fui para a Direção da CNTE (Entrevistado B).

Foi perguntado aos dirigentes sindicais como era sua rotina quando trabalhavam no sindicato. Foram relatadas as atividades em que os dirigentes participavam: mesa de negociação com a prefeitura, reunião do Conselho Municipal de Educação, visita as unidades escolares, resposta aos emails que eram enviados para o sindicato, escrita de textos para o jornal e para o site do sindicato, participação nas reuniões do Conselho do FUNDEB e nas reuniões do SIMMAC, mobilizações de outros movimentos sociais, organização da pauta de reivindicações, escrita de ofícios, atendimento a telefonemas, administração de conflitos entre professores e diretores, estudo não formal (legislações, jornais), etc.

Destaca-se a ênfase dos dirigentes sindicais no fato de que a rotina no sindicato ultrapassava a carga horária de trabalho em que estavam liberados, alguns com quatro horas diárias, outros com oito horas. O que os obrigou a trabalharem em favor do sindicato muitas vezes nos finais de semana e no período de férias, assim como expressa a fala da dirigente sindical D:

Foi uma rotina extenuante porque a disponibilidade era total, não havia dia de folga, mesmo quando estava em férias (Entrevistado D).

Outro exemplo que ilustra como a rotina desgastante é encontrado na fala da dirigente sindical H:

Todos os dias a rotina extrapolava manhã e tarde. À noite tinha os coletivos ou grupos de estudo. No final de semana pegava estrada e ia apoiar outros sindicatos ou outros movimentos (Entrevistado H).

Foi perguntado aos dirigentes sindicais quais saberes consideram imprescindíveis para o desenvolvimento do seu trabalho. Entre as respostas estão: ser um exemplar profissional da área, conhecer a realidade do chão da escola (carreira do magistério, condições de trabalho, pautas trabalhistas), saber trabalhar em equipe, ter visão política da realidade, saber dialogar, saber de ouvir, ter princípios bem definidos (com relação a sociedade e a educação que se quer), enxergar-se enquanto classe, saber que o movimento sindical não é só corporativista (não só centrado em melhorar condições imediatas de trabalho e salário), participação em outros movimentos sociais, formação política, conhecimento jurídico (legislações, decretos), etc.

Em relação às características pessoais consideradas pelos dirigentes sindicais como essenciais para o exercício do trabalho estão: ter força de vontade, ter iniciativa, disciplina, compromisso, desejo de aprender, liderança, oratória, paciência e habilidade para ouvir, organização, adaptabilidade, dinamismo, etc.

Entre as dificuldades enfrentadas para o exercício do cargo de dirigente sindical estão: falta de tempo, a condição de liberação¹⁸ para o cargo, grande demanda de trabalho em contrapartida do limitado número de dirigentes, comprometimento da vida pessoal/familiar, pouco reconhecimento por parte da categoria, o embate com a administração municipal, falta de unidade em relação às estratégias sindicais, etc.

Por fim, as atividades de lazer citados pelos dirigentes foram: cinema, filmes, assistir TV a cabo, restaurantes, viagens, passeios em parques, museus, atividades com a família, ler, prática de esportes, ir a praia, encontro com os amigos e ouvir música.

¹⁸A condição de liberação diz respeito a correspondência entre o padrão de trabalho na rede municipal de ensino de Curitiba, que pode ser de 20 horas semanais ou de 40 horas semanais, e as horas trabalhadas no sindicato.

Ressalta-se o fato de que os dirigentes têm pouco tempo para o lazer, já que as atividades sindicais também acabam sendo desenvolvidas nos finais de semana e férias, assim como relata a dirigente sindical E:

Quando estava no sindicato, em muitos momentos, o lazer se confundia com a própria militância política e atividades culturais, por exemplo. O dia a dia do sindicato é muito intenso, há pouco tempo para o lazer (me lembro sempre de levar muito trabalho para casa, o que gerava grande mal estar para os familiares) (Entrevistado E).

Em síntese, o perfil do dirigente sindical do SISMMAC que exerceu o cargo, entre os anos de 2003 a 2013, é formado em sua maioria por mulheres, com a média de 39 anos, naturais de Curitiba, de cor/raça branca, casadas, provindas das classes menos abastadas, de orientação religiosa cristã. Na educação básica estudaram predominantemente em escolas públicas. Possuem formação em nível de pós-graduação (*strictu e latu sensu*). São filiadas ao Partido dos Trabalhadores. Participam de outros movimentos sociais além do movimento sindical. Sua trajetória em coletivos começa já na educação básica, em Grêmios e representações de turma. Porém, durante a graduação, a maioria não participou de órgãos de representação estudantil (Centro Acadêmico, Diretório, Representação de Turma, etc.), devido a dupla jornada de trabalho enfrentada (trabalho e estudo), o que tem relação direta com o perfil de renda indicado pelos dirigentes. A média do tempo de experiência na educação básica é de 13 anos. A trajetória no movimento sindical inclui a participação no Conselho de Representantes. Nenhum exerceu o cargo de diretor escolar. Citaram que a rotina como dirigente sindical é cansativa e acaba abrangendo os finais de semana e férias. Os saberes imprescindíveis para o exercício do cargo mais citados foram os relacionados ao conhecimento da realidade da escola. Entre as características pessoas mais citadas para o exercício do cargo de dirigente sindical estão saber ouvir e saber falar. Entre as dificuldades mais citadas para o exercício do cargo de dirigente sindical estão: falta de tempo e a condição de liberação para o cargo. Entre as atividades de lazer mais citadas estão ir ao cinema e atividades com a família.

Não se pode esquecer que o dirigente sindical, ainda que trabalhe com a formação política e cidadã de sua categoria de representados, por um período determinado, não deixa de ser um profissional da educação. Assim, possui características comuns aos demais docentes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho faz um estudo exploratório sobre o perfil do docente que exerce a função de dirigente sindical, no sindicato que representa os professores da rede municipal de ensino de Curitiba, o SISMMAC, e analisou os saberes, os desafios e características pessoais envolvidos no exercício da função, por meio das falas destes sujeitos.

O movimento sindical docente está em ascensão, devido ao aumento da taxa de filiação nas entidades. Mas não foram encontradas nas bases de dados consultadas pesquisas sobre o perfil dos docentes da educação básica que exercem a função de dirigentes sindicais.

Com base nas respostas das oito entrevistas realizadas, podemos dizer de forma sucinta que o perfil do dirigente sindical do SISMMAC é formado em sua maioria por mulheres, de cor/raça branca, casadas, provindas das classes mais pobres, de orientação religiosa cristã. Vindas de escolas públicas, com formação em nível de pós-graduação, filiadas a partidos políticos, com participação em movimentos sociais e tendo como atividades de lazer mais citadas, ir ao cinema e atividades com a família.

Saber sobre o perfil dos dirigentes sindicais docentes é um elemento que nos ajuda a compreender o próprio desenvolvimento das redes de ensino e as políticas educacionais, pois estes sujeitos, em determinados contextos, tornaram-se importantes atores políticos, adentrando espaços coletivos, disputando recursos públicos. Como exemplo, pode-se citar a constante participação dos dirigentes sindicais docentes no acompanhamento dos recursos para o financiamento da educação, principalmente pela participação dos dirigentes nos Conselhos do FUNDEB e demais conselhos existentes, o que influencia diretamente o desenvolvimento do ensino público.

De forma alguma se pretende esgotar o aqui tema explorado, pois é grande o número de entidades que congregam docentes no Brasil assim como são grandes as possibilidades de discussão e interpretação sobre quem é o dirigente e quem é o trabalhador docente. Neste sentido o estudo evidencia o potencial de aprofundamento do que é o sindicalismo docente no Brasil a partir da ideia de perfil dos sujeitos

REFERÊNCIAS

- BOITO JUNIOR, A. **O Sindicalismo de Estado no Brasil. Uma análise crítica da estrutura sindical**. Ed. Unicamp: São Paulo, 1991.
- BONI, V; QUARESMA, S. J. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais**. Revista eletrônica de Pós-Graduação em Sociologia Política da UFSC. Vol.2 nº1 (3). Janeiro-julho/2005, p. 68-80.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. – Brasília: Senado Federal, Subsecretária de Edições Técnicas, 2010.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. – 6. Ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2011. Disponível em: http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/2762/ldb_6ed.pdf?sequence=7. Acesso em 18/11/2013.
- CALDAS, A; CRUZ, F. T. **Perfil docente nas séries iniciais do ensino fundamental no Paraná: série histórica 2001-2007**. Disponível em: < <http://www.anpae.org.br/simposio2011/cdrom2011/PDFs/trabalhosCompleto/comunicacoesRelatos/0053.pdf> > Acesso em: 10/10/2013.
- CHIROQUE, S. Sindicato docente. In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. **DICIONÁRIO**: trabalho, profissão e condição docente. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CDROM.
- DRUCK, G.; FILGUEIRAS, L.; NEVES, L. **Sindicatos e dirigentes sindicais na Bahia dos anos 90: diagnóstico e perspectivas**. CADERNO CRH, Salvador, n. 33, p. 143-178, jul./dez. 2000. Disponível em: <http://www.flexibilizacao.ufba.br/RCRH-2006-99graca.pdf>. Acesso em 19/09/2013.
- FERRAZ, M. A. S.; GOUVEIA, A. B. **Sindicalismo docente e conjuntura política: um estudo comparativo entre o Mato Grosso do Sul e o Paraná**. In: III Seminário Internacional da Rede de Pesquisadores sobre Associativismo e Sindicalismo dos Trabalhadores em Educação (Rede ASTE), 2011, Rio de Janeiro. III SEMINÁRIO INTERNACIONAL DA REDE DE PESQUISADORES SOBRE ASSOCIATIVISMO E SINDICALISMO DOS TRABALHADORES EM

EDUCAÇÃO. Rio de Janeiro: UERJ, 2011.

_____. **Estrutura sindical e cenário político: o sindicalismo docente no Mato Grosso do Sul e no Paraná.** Revista latino-americana de Estudos do Trabalho. Ano 17 nº 27, 2012, 87-111. Disponível em:

<http://relet.iesp.uerj.br/Relet_27/Cap%C3%ADulo%2004%20%20Estrutura%20sindical%20e%20cen%C3%A1rio%20pol%C3%ADtico%20RELET%2027%20-%20SE.pdf> Acesso em: 19/11/2013.

GATTI, Bernadete Angelina; BARRETO, Elba Siqueira de Sá. **Professores do Brasil: impasses e desafios.** Brasília: UNESCO, 2009. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001846/184682por.pdf>>. Acesso em: 08/10/2013.

GOUVEIA, A. B. **Oferta Educacional e Sindicalismo Docente nos Municípios do Primeiro Anel da Região Metropolitana de Curitiba.** In: Educação e Conflito: luta sindical docente e novos desafios. Curitiba: Editora Appris, 2012.

HOUAISS; A.; VILLAR, M. de S; FRANCO, F. M. de M. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LOPES, P. **O Movimento Diretas Já e a Cobertura da Mídia: o caso do jornal Zero Hora a partir da agenda-setting.** Comtempo – Revista Eletrônica do Programa de Pós-graduação da Faculdade Cásper Líbero – Volume nº 1, Ano 3 - Julho 2011. Disponível em <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comtempo>>. Acesso em 22/11/2013.

NUNES, A. R. C. **A Natureza do trabalho docente como mediação da relação orgânica entre sindicato e escola.** Curitiba: UFPR, 1998.

OLIVEIRA, D. A; MELO, S. D. G. **Trabalho docente: conflito e resistência nas redes públicas de ensino de Minas Gerais – Brasil.** VI Seminário da REDESTRADO – Regulamentação Educacional e Trabalho Docente. UERJ: Rio de Janeiro, 2006.

SILVA, E. L.; MENEZES, E. M. **Metodologia de Pesquisa e Elaboração de Dissertação.** 4ª edi. rev. atual. Florianópolis: UFSC, 2005. Disponível em: http://www.convibra.com.br/upload/paper/adm/adm_3439.pdf

Souza, A. R. e B. G. A.(2011).**Os trabalhadores docentes da educação básica no Brasil em uma leitura possível das políticas educacionais, Arquivos Analíticos de Políticas Educativas, 19 (35)**. Disponível em: <<http://epaa.asu.edu/ojs/article/download/860/936>>. Acesso em setembro de 2013.

STEIN, L. M. **Perfil do dirigente sindical rural paulista: representações, conflitos e direitos**. Cadernos AEL, n. 7, 1997. Disponível em: <http://segall.ifch.unicamp.br/publicacoes_ael/index.php/cadernos_ael/article/view/114/120>. Acesso em 19/09/2013.

SISMMAC. **Revista Chão de Escola**. Ed. 13. 2013.

VICENTINI, P. P.; LUGLI, R. G. **Movimento Docente: pluralidade e disputas**. In: História da profissão docente no Brasil: representações em disputa. São Paulo: Cortez, 2009.

<<http://sismmac.org.br>>

<http://www.transparencia.curitiba.pr.gov.br/multimidia/funcionarios/relacao_cargos_efetivos_preenchidos_maio_2013.pdf>

APÊNDICES

APENDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS DIRIGENTES SINDICAIS

APENDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA APLICADA AOS DIRIGENTES SINDICAIS

APENDICE C – ENTREVISTA REALIZADA COM O DIRIGENTE SINDICAL A

APENDICE D – ENTREVISTA REALIZADA COM O DIRIGENTE SINDICAL B

APENDICE E – ENTREVISTA REALIZADA COM O DIRIGENTE SINDICAL C

APENDICE F – ENTREVISTA REALIZADA COM O DIRIGENTE SINDICAL D

APENDICE G – ENTREVISTA REALIZADA COM O DIRIGENTE SINDICAL E

APENDICE H – ENTREVISTA REALIZADA COM O DIRIGENTE SINDICAL F

APENDICE I – ENTREVISTA REALIZADA COM O DIRIGENTE SINDICAL G

APENDICE J – ENTREVISTA REALIZADA COM O DIRIGENTE SINDICAL H

APENDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS DIRIGENTES SINDICAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SETOR DE EDUCAÇÃO

CURSO DE PEDAGOGIA

Persil Pessoal

Nome: _____

Natural _____ de:

Sexo: () Masculino () Feminino () // Cor: Branca () Pardo () Negro ()

Idade:

Estado civil: Casado () Solteiro () Viúvo () Separado () Outro

Tem filhos? SIM () NÃO (). Quantos?

É filiada(o) a Partido Político? Sim () Não (). Qual?

Há _____ quanto _____ tempo?

Participou ou participa de movimento social? Sim () Não ()

Qual(is)?

Quando? _____

Participou de Grupo de Estudos durante a gestão no SISMMAC? Sim () Não

() Qual(is)?

Há _____ quanto _____ tempo?

Orientação Religiosa: Católico Praticante () Católico Não Praticante ()

Evangélico () Ateu () Cristão Sem Uma Denominação Específica* ()

Outro

*Cristão sem uma denominação específica é aquele que vai a qualquer tempo.

Na educação básica, estudou predominantemente em:

Escolas Públicas () Escolas Particulares ()

Na educação básica, participou de Grêmio Estudantil? Sim () Não ()

Na graduação, participou de Órgão de Representação Estudantil? (Centro Acadêmico, Diretório, etc.). Sim () Não (). Qual?

Profissão do Pai

—

Profissão da Mãe

Há quanto tempo é sindicalizado no SISMMAC?

É sindicalizado a APP-Sindicato? Sim () Não ()

No SISMMAC, participou da diretoria liberada? SIM () NÃO ()

Nome da gestão? Período?

No SISMMAC, participou da diretoria que permanece em sala de aula?

SIM () NÃO ()

Nome da gestão? Período?

Perfil Profissional

Escolarização (graduação, especialização, mestrado, doutorado):

Na Rede Municipal de Ensino de Curitiba atuou profissionalmente como:

- Professor(a) das séries iniciais do E.F. ()
- Professor(a) das séries finais do E.F. ()
- Pedagogo(a) ()

Qual disciplina ministrou?

Tempo de experiência como docente na educação básica:

Exerceu cargo de diretor? SIM () NÃO () Por quanto tempo?

Foi representante de escola no sindicato? SIM () NÃO ()

Por quanto tempo?

APENDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA APLICADA AOS DIRIGENTES
SINDICAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

Perfil Pessoal

1. Comente sobre sua origem social (grau de estudo dos pais, bairro onde morava na infância, como era sua vida, etc.).
2. Comente sobre sua trajetória na educação básica. Participou de órgão de representação estudantil (Grêmio, Representante de turma, jornal)?
3. Comente sobre sua trajetória acadêmica. Participou de órgão de representação estudantil? Intercâmbio?
4. Comente sobre sua trajetória no movimento sindical docente.
5. Comente sobre sua participação partidária.
6. Comente sobre sua participação em movimentos sociais (Centrais sindicais, Marcha das Mulheres, etc.).
7. Com quais atividades se ocupa fora do expediente de trabalho?
8. Comente sobre suas atividades de lazer.

Perfil Profissional

1. Como chegou a participar do movimento sindical docente?
2. Como chegou a ser dirigente sindical?
3. Como é a sua rotina como dirigente sindical?
4. Quais saberes você considera imprescindíveis para que o dirigente sindical desenvolva seu trabalho?
5. Quais características pessoais você considera essencial para que o dirigente sindical desenvolva seu trabalho?
6. Quais as dificuldades enfrentadas para o exercício do cargo de dirigente sindical?

APENDICE C – ENTREVISTA REALIZADA COM O DIRIGENTE SINDICAL A

Comente sobre sua origem social.

Eu sou de uma família bastante humilde. Meus pais se separaram quando eu tinha 1 ano. Então, a minha mãe me criou praticamente sozinha os quatro filhos. Comecei a trabalhar muito cedo, desde os 10 anos eu já trabalhava na feita e desde os 13 anos eu já trabalhava sistematicamente todos os dias numa empresa e trabalhei nessa empresa até os 21 anos mais ou menos no município de Curitiba.

Trajetória na educação básica

Sempre estudei na escola pública na educação básica, desde a educação infantil até o ensino médio. No ensino médio participei do Grêmio Estudantil na escola. Era um grupo ligado ao PC do B, ao partido PC do B, na época. Não eu. Uma boa parte dos integrantes era. E é isso. Ficamos uma gestão, em torno de um ano e meio, dois anos no Grêmio no ensino médio. **Em colégio de bairro ou mais centralizado?** Em colégio de bairro. **Lembra quais eram as reivindicações?** Lembro. O que o pessoal queria na época... Eu fiz o ensino médio na década de 90, 94/97, então as pautas eram ligadas a cultura, as festas na escola, a garota do colégio. Não tinha muito embate com os professores, inclusive eu era diretora cultural do grêmio, que tinha que ajudar a promover festas, garota do colégio, cinemas na escola. Era mais ou menos assim. Era isso que estava previsto no estatuto do grêmio. **E como você era como aluna?** Ah! Sempre fui uma boa aluna. Hoje, eu não sei se sou uma boa estudante, mas eu sempre fui aquela que ganhava medalhinha, fotinho no corredor. Sempre fui meio *caxias*. No ensino médio também. Nunca reprovei. Nunca fiquei de recuperação. Tive acho um bom desempenho acadêmico.

E na faculdade? Como foi sua trajetória acadêmica?

Na faculdade não participei de nenhum órgão de representação estudantil, não participei do CAAT. Participava... é que o tempo que eu fiz Pedagogia aqui na universidade era uma coisa meio estranha. Minha turma era a tarde. Então, o CAAT não funcionava no horário da tarde, só funcionava no horário da noite. Então, naquele tempo quem dominava mais o CAAT era o pessoal da noite. Então, à tarde o CAAT nunca tava aberto. Tava aberto só de vez em quando. Então, foi assim... **E quando foi isso?** Foi entre 2000 e 2003/2004. **Mas porque tinha aula a tarde?** Porque o curso era tarde e noite. não existia manhã. A minha turma foi uma das últimas turmas a ter aula à tarde. Se não foi a última, foi a penúltima. E, então, era meio difícil assim encontrar o pessoal do CAAT, fazer um debate. Tinha pouca programação também do CAAT, então, não participei. **E como estudante, você era uma boa aluna?** Ah! Eu acho que

eu era. Então, eu não posso falar hoje se eu sou. Eu acho que hoje eu não sou tão *caxias* como eu era, mas eu era uma boa estudante de Pedagogia. Era sim. Tinha notas boas, até mesmo em matérias mais penosas.

Trajetória no movimento sindical docente.

Então, entrei no movimento sindical quando eu fui trabalhar em Fazenda Rio Grande como professora e, assim, já no primeiro, segundo mês, me filiei a APP-Sindicato porque lá na Fazenda Rio Grande é uma associação, a ASMMEF. E daí assim eu não entendia muito bem na época. Eu sei que a nossa associação era ligada à APP-Sindicato. Naquela época, eu já me filiei. Sei lá, eu sempre fui assim de correr atrás do prejuízo. Eu acho que se o professor ta com dificuldade no seu trabalho, com dificuldade de salário, sempre foi em mim, acho que da formação que eu tive também na Pedagogia, no curso de especialização, de correr atrás, não deixar as coisas assim, como se nada tivesse acontecendo. Eu sempre me envolvi. Se tava acontecendo alguma coisa em uma outra escola eu já queria saber o que estava acontecendo. Se tinha reunião, assembléia eu tava participando de todas. Então, eu acho que é um pouco disso que foi a minha trajetória no movimento sindical, de sempre buscar algo melhor pros professores.

Participação partidária então você não teve? Não. Até eu fiz a minha filiação, eu fiz o documento de filiação junto ao PT em 2012, mas no momento está em *stunday* minha filiação. **Como assim “stunday”?** Eu, então, é que na última eleição eu não participei, foi o que me justificaram. Como eu não participei ativamente na campanha do candidato que o PT tava apoiando minha filiação estava parada. Eu acredito que foi porque eu apoiei outro candidato. **Mas isso é tipo uma punição por um ano?** Então, é, eu não sei como que é. Eu me filiei ao partido, determinada tendência e aí eu fui buscar isso agora esse ano junto ao PT-Paraná, pra saber como tava a minha filiação. Eles falaram que tava tipo de ação, esse tipo de coisa que foi feito não existe, que eu poderia me filiar, inclusive eles queriam encaminhar outro parlamentar de outra tendência até a minha casa pra fazer a minha filiação daí eu falei que não, que eu ia esperar pra saber até onde eu ia ficar de ‘gancho’, de castigo. Mas eu sou simpatizando do Partido dos Trabalhadores, sempre fui.

E a sua participação em movimentos sociais como é que foi?

Então, é basicamente no movimento sindical. Quando eu tava na direção do SISMMAC a gente participava mais porque já tinha esse princípio de atuar junto com os outros movimentos, movimento de mulheres, a central dos movimentos sociais, CMESP, Grito dos Excluídos, Primeiro de maio, tinha

muita coisa. E assim, tinha esse princípio de solidariedade junto aos outros movimentos. Então, na época da direção a gente meio que não tinha escolha, né, a gente tava praticamente todo final de semana militando em algum outro movimento. Agora não. Como eu já saí da direção do sindicato e eu to com muitas outras coisas, outras tarefas, atividades, né, o doutorado toma bastante tempo, não tenho participado mais. Só no movimento sindical mesmo. Participo da assembléia, às vezes apareço na reunião de representantes mesmo não sendo mais representante de escola. Aí, nisso eu continuo, no movimento sindical, eu continuo.

E com quais atividades você se ocupa fora do expediente de trabalho?

Então, eu sou mãe de um menino de 5 anos, né. Sou casada. Quando eu não to trabalhando, ou eu to estudando ou eu to escrevendo a tese ou to pesquisando ou to cuidando de casa, cuidando do meu filho ou aquelas coisas de dona de casa. Então, é basicamente isso que eu faço.

E o que você faz de lazer?

Ah! Eu gosto bastante de cinema, filmes. Gosto de sair, tomar um 'chop' com meu marido, com meus amigos, gosto de levar meu filho pra passear, brincar com ele. **Lê livros?** Ah! Eu leio, mas se eu contar pra vocês o que eu leio vocês vão ficar rindo de mim. Não, porque assim eu acredito como uma amiga do movimento sindical que a gente tem que se desligar completamente quando a gente ... Eu leio até os Cinquenta Tons, por exemplo, pra dar uma espairecida. Eu lembro que uma vez eu vi uma amiga minha comprando *Transformers*, o DVD *Transformers*. E eu disse: -'Que isso! Você assiste a esse tipo de filme?' Como se fosse um crime, né. Então, a gente vive no olho do furacão e se a gente não para um pouco pra espairecer... Então, eu tenho seguido a dica dessa minha amiga e eu leio coisas desde espiritualismo, vida após a morte, até filme de criança. Homem de ferro, Capitão América, tudo isso eu já assisti.

Por que optou participar do movimento sindical?

Então, eu não sei foi bem uma opção. Você entra, acaba participando e começa a ver que aquilo é interessante e que é importante pra categoria. **Como é que você chegou lá dentro?** Eu era... Então, como que eu cheguei a ser dirigente sindical e como eu cheguei no movimento sindical. Então, foi em Fazenda Rio Grande, participando já no primeiro, segundo mês. Eu comecei a participar das reuniões da ASMMEF, a participar dos movimentos que o pessoal fazia lá na Fazenda. **Você pegou a gestão da Tainara?** Eu peguei acho que uma gestão antes da Tainara, mas a Tainara foi uma das pessoas que me puxou pro movimento sindical. Eu achava ela muito pró-ativa, muito preocupada. **Até hoje ela é.** Eu admirava aquilo e quando ela me convidava eu ia também. Ah! Foi mais ou menos isso. Não que eu tenha optado. Eu fui e nunca mais saí. **Mas digamos se fosse pra você destacar uma pessoa que mais te influenciou a entrar no movimento?** Ah! Quem mais me influenciou hoje por tudo que eu já vivi foi a Ana Denise. Além de a gente ter, a gente

trabalha junto, trabalhava junto em outra escola, então, a gente tem uma relação de amizade muito grande e aqui em Curitiba mesmo foi ela quem me deu algumas orientações quando eu entrei na rede. Eu não iria assumir o concurso de Curitiba porque eu tinha recente assumido o do estado e daí eu pretendia ficar só no estado. Ela me deu uma força. Falou: - Não. Entre. Você vai gostar'. Aí, depois que eu entrei ela falou... Eu tive uns probleminhas na minha entrada porque eu tinha escolhido uma outra escola. A escola era no meio horário do que a escola do estado, daí eu não podia assumir, né. Aí ela falou: - 'Não. Vai lá no SISMMAC que o pessoal te ajuda'. Daí eu fui lá no SISMMAC e o pessoal falou: - 'Não. Vamos conversar com o pessoal do RH que eles escolhem outra escola em outro lugar. **Mas, daí você saiu de Fazenda Rio Grande?** Eu saí de Fazenda Rio Grande. Da Fazenda Rio Grande eu saí quando eu passeio no estado, daí eu saí. Não que eu não gostasse da rede. Eu adorava. Uma rede muito interessante, mas o salário era muito baixo. Agora, nem sei quanto que é. Mas, na época, era muito baixo. Praticamente, o que eu trabalhava manhã e tarde em Fazenda Rio Grande era um período no estado. Daí, essa minha colega, a Ana Denise: - 'Aí! Agora que você resolveu assumir, eu vou te filiar'. Daí eu falei: - 'Agora eu vou me filiar com o maior prazer'. E daí, uma semana depois: 'Aí! Não tem representante na tua escola. Você tem que ser representante. Daí eu falei: - 'Mais calma. Eu to chegando na rede. Não. Você tem que ser representante. ' **Você tem que puxar os novos porque se a pessoa começa a ficar muito tempo na rede ela começa a ficar meio incomodada.** É. Isso eu vejo na minha escola. O pessoal, às vezes, diz: - 'Não. Vai lá. Veja o que aconteceu na assembléia e conta pra gente. Daí quando você é mais novo assim é diferente. Tem mais interesse.

E como era a sua rotina como dirigente sindical?

Ah! Então. Deixa eu contar essa parte pra vocês entenderem. Quando eu cheguei a ser dirigente sindical. Então, eu participei como representante de escola. Fiquei 2 anos como representante de escola e quando foi pra sair a nova em 2008, quando foi pra sair uma nova direção, aí eu recebi um convite da Diana pra eu compor a chapa junto com eles. Daí eu aceitei e foi assim que eu entrei como dirigente sindical. E como que era a minha rotina como dirigente? Eu não era da direção liberada, mas eu me sentia como porque na época na maior parte do tempo que eu tava no SISMMAC eu tava liberada pro mestrado então o pessoal dizia assim:- 'Você que tá aí sem... Você pode ir pra reunião? Você pode ir pra tal lugar? Você ajuda a gente a fazer visita em escola. Então, acho que eu fiz muito disso nos dois anos que eu fiquei liberada. Era praticamente dois dias na semana que a gente ficava junto com as meninas lá visitando escola, indo à reunião dos conselhos. Eu participei, eu era do Conselho Municipal de Educação, aquele representante do SISMMAC. Então, a gente participava... Ah! Vai lá com a gente numa mesa de negociação. Eu participei praticamente todas as mesas de condições de trabalho em 2009, 2010. **Mas geralmente era uma vez por mês?** É. No início do ano quando já

entrega a pauta faz um cronograma de quando vai se negociar cada parte da pauta. Então, a mesa de condições de trabalho era uma, duas ou três negociações, duas ou três rodadas de negociação, dois ou três dias. A cada 15 ou 20 dias. **É. Pelo que eu vi no jornal de agora, do mês de agora, teve uma reunião terça-feira passada, que geralmente é à noite, né?** A mesa de negociação? A mesa de negociação com a prefeitura é durante o dia. **Não. É essa que é com os professores.** Assembléia? Assembléia é à noite. Sempre à noite. Então, à noite ou no final de semana. Então, eu participava muito com as meninas. 2009/2011 participei quase de todas as mesas de negociação. **E eram tranquilas?** Nem todas assim porque a gente tinha que ter estômago pra ouvir algumas coisas. A gente tinha que ter coragem pra falar algumas coisas também. Então, não era assim... Não posso dizer que era super calmo porque não era. 2009/2010 participei de uma mesa que estava eu, a Diana e mais um dirigente, estávamos em 3 e a gente ouvi coisas do arco da velha que os professores tinham feito, por exemplo, como a distância dos locais que estavam acontecendo a Semana Pedagógica. E a gente colocou isso na mesa de negociação e a gente ouviu da Superintendente na época que os professores estavam reclamando pra fazer a Semana Pedagógica. Os professores estavam reclamando então eles iriam acabar. **O que eu fiquei mais triste essa semana é que os professores não escolhem pelo tema, pelo que eles estão mais interessados em assistir, mas mais pelo que é mais próximo. Então, em vez deles fazerem alguma coisa mesmo dentro do próprio colégio mesmo, ver com os professores o que eles querem...** Tem muito do comodismo. **Os temas ainda são escolhidos de cima pra baixo?** Sim. **Nossa. Isso é uma pauta antiga.** É. O que a gente tem liberdade pra escolher é a Semana Pedagógica que acontece na escola, né, que daí a gente escolhe o tema, mas fora a isso é sempre a mantenedora que indica os cursos que serão ofertados. Mas, isso daí de os professores escolherem o que é mais próximo, o que é mais cômodo e agente até entende de certa forma porque né como é que a gente pode dizer pra um professor: -'Olha a tua área de atuação é alfabetização e você mora no Pinheirinho ou que nem na minha escola que é praticamente no Umbará, mas a gente gostaria que você fizesse lá no Cajurú. Então é uma coisa meio difícil porque se a pessoa tem dois padrões e ainda tem que pegar um filho lá no meio da saída da escola e dá almoço é uma coisa meio difícil. Então, as mesas de negociação, nesse sentido, elas não eram muito bacanas. Dificilmente acontecia uma mesa que a gente: - Oh! Que bom. Deu certa alguma coisa'. É um trabalho de formiguinha mesmo. **Agora que eu vejo que ta dando bastante discussão na escola é sobre a questão do vale alimentação. Tem professores que tão reclamando que tem professores que recebem e ele não recebe. Exatamente. E tem a questão dos 30%. Ah! Mais a minha escola é terrível e é longe do Centro e mesmo assim aqui é 10% e lá, a duas quadras a escola é 30%. Porque duas quadras fazem diferença?** Eu to numa região onde duas escolas são vizinhas a minha. Um tem 30% e a outra tem 10% e tem uma que não tem nada de difícil provimento. Então, até o pessoal não tem rotatividade, o pessoal fixa a vaga porque é uma escola boa, é numa região também interessante sabe então a pessoas... Já tem uma clientela um pouco

melhor que as escolas vizinhas. É uma comunidade, uma clientela, até parece coisa de empresário, assim uma comunidade um pouco melhor, então, o pessoal vai pra lá mais é que o problema é que ninguém consegue tirar licença na vida, ninguém vai fazer RIT lá. Quem pode fazer um RIT, cobrir uma pessoa que vai, vai pruma escola que... Já que pode fazer um RIT já vai pra uma escola que tem difícil provimento. Então, essas coisas são meio difíceis de negociar. **Eu vejo que se torna uma dança das cadeiras nas escolas. Porque todo mundo vem pra cá, o pessoal do meu bairro mesmo é 30% eu vejo assim quando eu conversei com a diretora que a diretora... Pra ver realmente quem quer ficar ela já manda pras turmas mais difíceis de lidar porque daí ela sabe se a professora ta ali não só pelo interesse, não pelo dinheiro, mas porque ela quer ali ficar na região.** E ela conseguiu detectar isso? **Ah! Ela conseguiu. Ela é...** E poxa, 30% pra quem tem dois padrões são 60% , né, a gente ta falando aí praticamente mil reais. **E se você pegar comunidade escola, mais digamos final de semana e ainda pegar mais esses projetos que tem agora...** Extensão de carga horária, apoio pedagógico... Tem gente assim que tem dois padrões, pega o comunidade escola, pega tudo, pega tudo que tiver, tudo o que a mantenedora ofertar, pega. Isso, pra nós, é pro sindicato, pra nós é... Tudo bem. O professor tem a opção de escolher se ele quer ou não quer trabalhar. **Mas, ele pega já pensando na necessidade. Ele tem que pagar escola pra dois filhos. A professora que eu conheço, ela paga pra dois filhos que estudam no Bom Jesus e ela paga com o dinheiro dos 30%. Pra ela, se ela perder esse 30% vai ser muito dinheiro.** Aí, a gente entra em crise com algumas coisas porque a gente sabe que isso é precariedade da condição do sujeito, não só da condição de trabalho, mas da condição de vida, da qualidade de vida daquela pessoa. Mas você não pode negociar esse tipo de coisa. Você não tem legitimidade pra negociar este tipo de coisa porque o sujeito não quer que negocie. E você olha pro patrão e diz: -'Você é um descarado, fazendo isso. Ta acabando com a saúde do servidor'. Mas é difícil. O pessoal quer. A gente não tem nem como negociar esse tipo de coisa. **Eu vejo pelo professor como um aumento do próprio salário, querendo aumentar o que ele já ganha.** E assim dificilmente o professor que começa a trabalhar, dificilmente assim tendo em vista até hoje as pessoas que eu conheço que começaram a trabalhar com Comunidade Escola, Extensão de carga horária... Não. É só um ano ou dois porque eu preciso nem que seja só quitar o meu carro não largam mais, não vivem mais sem esse dinheiro. É que nem o professor do estado, por exemplo. Quando abre aquela oportunidade de pegar 60 horas, ele já trabalha 40, manhã e tarde e ele pega, aquele camarada no começo do ano ele já ta perguntando quando é que vai abrir 60. Ele não vive sem. Não vive porque ele já tem um padrão de vida que precisa daquele dinheiro e não deixa.

Que saberes você considera imprescindíveis para que o dirigente sindical desenvolva seu trabalho?

Então, é o dirigente tem que saber da legislação, decretos, planos de carreira, tudo aquilo que rodeia o trabalho do professor, no nosso caso no sindicato dos professores, tudo aquilo que permeia, que rodeia, ele tem que conhecer. Porque quando você vai pra mesa de negociação você tem que saber que tal coisa você pode pedir, tal coisa não dá porque tem o limite dos decretos aí você tem que tencionar pra mudar o decreto que daí já não é decreto, é portaria que daí já, a questão não é pedir uma determinada coisa, mas é revogar uma portaria ou fazer outro decreto. Isso é imprescindível. Conhecer também a pauta também quando a gente vai visitar a escola porque não é fácil. Eu lembro assim que quando eu tava na direção assim tinha escolas que eram tranquilas dava pra ir uma pessoa ou duas fazer a conversa com a base, mas tem escolas que tinha que ir praticamente quatro, cinco dirigentes porque eles bombardeavam a gente de perguntas, o que acho que eles têm razão porque a gente que representa eles e eles tem que saber em que pé estão as coisas e a gente tem que conhecer muito bem a pauta e saber muito bem o que permeia, a lei, tem que saber comé que ta a situação. Às vezes, é como na época a gente ligava com a lei do piso então não era só saber o que tava acontecendo aqui no local, mas saber o que tava acontecendo no nacional. Porque os professores perguntavam. A gente tinha que ter conhecimento pra levar pra mesa de negociação também. Então, esse tipo de conhecimento, esse saber... A gente foi o único, acho que aqui no Paraná que foi o único sindicato a ingressar como *amicuscuri*, a Ana sabe bem, na questão da lei do piso junto ao STF. Então, a gente é bem pioneiro. O Ludimar trabalha muito bem.

Quais autores você diria que contribuíram pra tua visão de mundo dentro do sindicato?

Então, eu sei que eu tenho uma falha. Eu sei que eu tenho essa falha de fundamentos, de ter mais autores assim do socialismo, do comunismo. Tinha o grupo de estudos no sindicato, mas é que na época do mestrado eu não tava dando conta de tanta coisa. E as meninas participavam muito de um grupo, acho que se chamava 13 de São Paulo, acho que era 13 de Maio, que estudava muito a teoria marxista, a teoria socialista. Essa fundamentação marxista, isso eu to devendo pra mim, pra mim mesma. Na época que eu comecei a me interessar pela pauta dos professores, o que eu lia muito eram os autores daqui da linha mesmo: Dalila Andrade de Oliveira, José Marcelino sobre o financiamento pra se inteirar pra não dar bola fora. Então, a gente se inteirava sobre o que pensavam estes autores pra embasar o próprio debate junto tanto com a categoria como com a mantenedora. **Na época em que você estava no sindicato você tinha liberação só na rede?** Só na rede municipal. Daí eu continuava trabalhando na rede estadual. **Lá eles não liberavam.** Na época não. Agora to de licença na rede estadual e por enquanto não pedi na rede municipal. Agora desde 2010/2011 na rede estadual a gente pode pedir licença. Então, eu to de licença desde o começo desse ano na rede estadual. Só volto em 2014. Na rede municipal eu vou pedir pro ano que vem daí eu só volto em 2016. **Mas, na rede estadual eles chegam a dar o tempo inteiro do**

doutorado? Não. É sempre dois anos como na prefeitura de Curitiba, dois anos. Eu tentei prolongar o máximo que eu pude. No primeiro ano eu não peguei licença nenhuma daí a partir do segundo eu já tive 20 horas daí no terceiro eu quero tar com licença integralmente e no quarto 20 horas. **E daí largar os dois?** Daí eu não posso. Tenho que pagar a dívida pelo menos 2 anos na prefeitura e 5 anos no estado. **Tem uma obrigação?** Tem. A não ser que você devolva o dinheiro pro cofre público, o que é legítimo. Eu saí de licença, fui remunerada. **Mas se você não tivesse saído você poderia sair a qualquer momento?** Ah! Daí sim né. Mas já não dá pra fazer doutorado de licença de um padrão, quem dirá sem pegar licença.

Quais características você considera essencial para o dirigente sindical desenvolva seu trabalho?

O cara tem que ter boa vontade, tem que ter boa vontade, tem que ser ativo, tem que ter tipo assim não pode ser mole não. Porque assim uma coisa que a gente sempre tinha em mente era que a rotina do sindicato era mais puxada do que a da escola. A gente era menos dirigentes, menos pessoas pra administrar, como é que é, uma demanda enorme. Mas assim aquele horário que a pessoa tem que fazer na escola tem que fazer no sindicato e as vezes até mais. Mas aquele horário de acordar cedo e ir lá, sair no horário isso aí tem que ter. a pessoa tem que ter iniciativa, força de vontade. Não pode ser molenga porque não dá. Tem que chegar lá no horário cedo e sair no horário do almoço e voltar a tarde tudo normal como se fosse uma escola. Aí assim a gente até passava por algumas situações: -‘Ah! Ela não foi final de semana fazer tal coisa’. Mas sindicato é isso. Você foi fazer estudo no final de semana e não dá pra compensar. Ou você compensa quando nós estivermos menos demanda, o que quase nunca acontecia. **Tinha muito que fazer?** Muito, muito. Porque não era só a pita de reivindicação. Era a pauta, era problema que acontecia numa escola e tinha que ir lá dar suporte, fora o princípio de solidariedade aos outros movimentos também. Então, era muita coisa. Então, não dava. Eram quatro horas pra você tar lá, fora o que você fazia em casa. Era ler pauta, estudar a pauta. **Tomava seu tempo no final de semana?** Com certeza, com certeza. O dirigente sindical tem que tar antenado com tudo o que está acontecendo. Por exemplo, a gente tinha que abrir religiosamente os sites lá de todos os dias da CNTE, da APP-Sindicato, do Ministério da Educação. Esses eram alguns exemplos e ver o que estava acontecendo. Tinha que fazer isso não era uma vez por semana eram todos os dias. E as vezes você chegava lá no sindicato e não dava tempo de fazer isso lá. Tinha que pegar os materiais, pegar a bolsa e ir pra escola. E a gente ia pras escolas militar. E então não dava aí você voltava lá pra sede do sindicato e quando dava cinco e meia, seis horas já tava na hora de ir pra outra escola. Essas coisas você levava pra fazer em casa mesmo. **Nessa época que você tava no sindicato eram quantos liberados?** Eram seis, sete. **E eles ficavam meio período?** Era conforme o padrão da rede. Se você tinha dois padrões em Curitiba, você ficava o dia inteiro. Quem tinha um padrão em Curitiba ficava um período. E

essa era a briga da gene, de que de uma forma ou de outra, mesmo que a gene não saia, poxa, isso foi praticamente escravidão. Ser sindicalista é levar trabalho pra casa. Não dava pra ler uma pauta indo pra mesa de negociação ou ler no carro. Você tinha que ler em casa, estudar em casa, ir atrás do que a CNTE disse sobre isso, isso e isso. E ir atrás do que o outro sindicato disse sobre aquilo pra gente chegar com embasamento. Era um trabalhão.

Quais as dificuldades enfrentadas para a realização desse trabalho?

Então assim, tem gente que tem outros ritmos, tem gene que pensa... Apesar de você era uma unidade sindical você não tinha uma unidade de pensamento pessoal. Até tem ideológica, mas não tem assim digamos de estratégia. Às vezes a gene ficava muito tempo fazendo debate sobre qual era a melhor estratégia.

APENDICE D – ENTREVISTA REALIZADA COM O DIRIGENTE SINDICAL B

1. Origem social.

Origem social? Classe trabalhadora, muito trabalhadora. Não sei qual é a definição de classe que você tem. Eu comecei a trabalhar no chão da fábrica com 14 anos. Sou trabalhadora.

2. Trajetória na educação básica.

Sim, no antigo segundo grau, participava do Grêmio Estudantil. 1987, 1988, por aí, no Colégio Estadual Doutor Vitor Macedo, no Novo Mundo. **E como você chegou a participar?** Naquela época era muito mais por afinidade, pelos colegas. A gente achava que poderia mudar. **Você lembra de alguma pauta que vocês tinham?** Passe-livre! (Risos) **E dentro do colégio, tinha alguma coisa mais específica?** No colégio a gente organizava um jornal, não sei se tinha um caráter tão crítico pra época. Não tinha essa perspectiva. Lembro que participei um tempo. **Era a nível médio?** Era a nível médio. O antigo segundo grau.

3. Trajetória acadêmica.

Eu acompanhava os movimentos mais não era da direção do centro acadêmico não. Eu não tinha condições, né, eu trabalhava. Eu tinha uma carga horária de trabalho. Muito tempo. Eu não poderia dar contribuição que era necessária na época. Mais era muito próxima do pessoal. Lembro que inclusive, lembro quem era da Direção do Centro Acadêmico. **Hoje o pessoal fica no Centro Acadêmico o dia inteiro.** Eu trabalhava. Às vezes vinha correndo pra universidade. **Agora existem vários recursos da PRAE, bastante bolsas. Vale alimentação...** Que ótimo! **Você acha que se tivessem condições teria participado?** Ah, com certeza! Era uma vontade sua? Sim, sim. O curso de pedagogia na época era.. Se eu tivesse as possibilidades que tem hoje... Até pra conseguir uma bolsa... Universidade. Cheguei a concorrer a uma, uma vez, mas não passei (risos). Tinham muitos alunos.

Trajetória no movimento sindical docente.

Então, a minha trajetória inicia em 2002, quando eu entrei na rede municipal (de Curitiba). Eu me filio ao SISMMAC e em 2003 eu começo a ir na Reunião de Representantes. Sim, eu fui pra escola e ela não tinha representante pro sindicato. Aí

eu não vou. Eu ia participar no horário contrário de trabalho. Como eu não era a representante eleita, não poderia sair do meu horário de trabalho da escola. Então, eu ia participar por interesse em saber o que estava acontecendo na minha vida, na rede municipal. Trabalhava pela... meu concurso era pra 4 horas pra tarde e pela manhã ia pro sindicato. Em 2003, quando comecei a participar pra saber o que estava acontecendo, aí eu fui chamada pra concorrer a Comissão de Negociações. Aí fui para a Comissão de Negociações em 2003. Em 2004 continuei participando. Em 2004 também era da Comissão. Participava de todas as instâncias do sindicato. 2005 daí também saí na Chapa. Foi a primeira vez que eu concorri à eleição pro sindicato. Nós fomos eleitos daí continuei na escola. Daí em 2006 participava da Direção Liberada. Participava de todas as instâncias do sindicato e em 2007 eu fui pra Direção Liberada do SISMMAC. Em 2011 daí fui eleita pra Direção da CNTE. Daí tem um detalha que eu queria que você colocasse das perguntas. Porque todo esse tempo que eu fiquei liberada eu só tenho um padrão na rede municipal então um padrão e o meu outro padrão é na rede estadual né então até junho de 2011 eu era meia liberada era um termo que nós usávamos lá no sindicato. Meia liberada porque saia correndo lá do sindicato pra ir pra escola à noite. E ainda já por ter uma lotação lá no estado à noite que ainda facilitada pras atividades sindicais. Então era aquele desespero quando dava o horário porque conforme onde eu estivesse, que região da cidade tanto visitando escolas ou eu como aqui no centro lá no barro Novo, Sítio Cercado uma distância então era aquela correria. **Então no estado você trabalhava à noite?** No ensino médio trabalhei, agora estou trabalhando com formação de docentes em nível médio, só que daí do ensino médio na rede estadual eu fiquei liberada da minha escola, daí em julho de 2011 eu fiquei liberada depois pra CNTE até agora no último ano de 2012. E vc nunca trabalhou os dois padrões na mesma rede? Não. Sempre achei interessante trabalhar nas duas redes porque dá uma visão assim. Mesmo sendo cansativo? Sim. Eu acredito que dá uma outra visão. À tarde eu vou pro município, à noite eu vou pro estado. Existem diferenças. É fascinante! Dá uma outra visão de mundo sabe.

Participação partidária.

No sentido mais de militância assim. Não tenho uma participação tão efetiva. Quando precisa, já entreguei muito panfleto sábado de manhã na Boca Maldita, na chuva.

Participação em Movimentos Sociais: Marcha das Mulheres.

A participação foi muito também quando chamavam. Chamavam o movimento né o sindicato bandeira de luta movimentos sociais, Central Única dos Trabalhadores, da Marcha Mundial das Mulheres, sempre defendendo, mas a participação enquanto militante. Na CNTE também nas pautas e lutas de CNTE isso desde 2002 as bandeiras de lutas que o sindicato chamava né.

Atividades fora do ambiente de trabalho

Faço hidroginástica esse ano né olha esse ano que eu consegui depois de tantos anos por necessidade, claro, porque o médico pediu porque nós passamos muito tempo escrevendo e deu problema de coluna né e por isso estou fazendo hidroginástica.

Atividades de lazer

Cinema, saio. Agora to mais assim em um outro momento mais tranquilo. Na época que eu estava lá, nem pensar. Você lembra que eu comecei porque o médico pediu já fazia anos por causa desse problema na coluna essa atividade por necessidade. Mas na época que eu estava no sindicato. Eu vou falar a verdade pra vocês. Eu entrava à tarde no sindicato e a noite na rede estadual. Pela manhã não tinha vínculo nenhum no município nem no estado. Só que como eu estava na direção do sindicato sempre que tinha alguma necessidade, pela manhã eu estava à disposição do sindicato. De manhã eu ficava dando retorno por telefone escrevendo porque tem que saber tudo que tá no jornal tem que ler a gente faz a pauta junto e tem que acompanhar o que estava no site aquele essa era a vida. Daí quando a gente chegava ad rede estadual à noite era ler os e-mails claro que eu ia ler de noite não tinha esse celular com internet. Daí sai da escola da rede estadual, chegava ia ler os emails porque o pessoal mandava muito e-mail no seu email pessoal, acontecia isso. Tinha o email próprio do sindicato pra nós verificarmos né acompanharmos tinha as questões mesmo quando eu não era da direção do sindicato eu fui muito tempo representante de base representante da

CNTE via sindicato lá na CNTE, conselheira que fala. Fui conselheira, então, também tudo que tinha publicado no site da CNTE, site da CUT porque no outro dia era outro dia quando amanhecia você tinha que saber tudo que estava acontecendo na cidade. Dirigente sindical não pode dizer que ele não sabe o que está acontecendo. Ele tem um compromisso com o professor que está lá na escola. Ele tem que estar acompanhando isso. Não pode dizer eu não sei. Você tem que tar antenado com o Brasil e o mundo. À noite, quando eu chegava na escola era essa a tarefa. Até agora tem que tar por dentro, como eu faço todo esse processo. Eu penso assim tanto na escola como no sindicato você tem que fazer o melhor. Então era isso, ver o site da CUT. Tinha as demandas como conselheira da CNTE que tem que acompanhar, as vezes tem documento pra responder. A CNTE tem, ichi me fugiu a educação e o movimento no caderno no estado do rio de janeiro com o Frigotto com as pautas de todos os sindicatos, uma análise. Então vinha pro SISMMAC pra responder todas as mobilizações, pautas, ... muitas vezes eu ficava de madrugada respondendo estes documentos.

Por que optou em participar do movimento sindical docente.

Foi como nós havíamos falado. Porque eu achava que tinha que estar sabendo. Eu ia lá no sindicato pra saber o que estava acontecendo com a minha vida, com a vida dos meus colegas. Porque assim: na rede municipal tanto como na rede estadual no geral você tem que estar todo dia sabendo o que esta acontecendo, tar participando na garantia dos direitos que você já adquiriu e não perder direitos conquistados. Então, quando eu entrei na rede era o prefeito Cássio Taniguchi. Eu sempre atribui a minha formação, a possibilidade de formação que eu tive aqui na universidade.

19' 43". Quem me deu toda essa bagagem foram todos os professores do ensino médio, do antigo segundo grau que plantaram a semente com certeza. Se não não teria vindo pra universidade, pro curso de Pedagogia e quando eu entrei na rede já tinha tido a possibilidade de ter sido aluna de OTP aqui na universidade. Sou aluna da primeira turma, então, meu senso crítico eu devo aos professores da minha formação na universidade, tanto a nível de graduação como especialização que me deram essa base, do que é política pública, de não aceitar nenhum direito à

menos, só avançar nos direitos, né, da luta de classes... Isso que você falou eu vivo no dia-a-dia na escola. Imagine eu to lá na escola, muitas vezes é um choque. Eu chego lá, no recreio, parece que é um outro mundo diferente do meu, pelas vivências que nós tivemos. Eu vou lá, faço o meu trabalho e tal, mas não estou mais no sindicato. **Você sentiu alguma perda na atividade docente depois de ter participado muito tempo no sindicato?** Em que sentido perda? **Quando chegou na sala de aula sentiu um descompasso?** Não! Bom, eu sou suporte técnico pedagógico, pedagoga na rede municipal, na rede estadual. Eu fiquei 1 ano e meio fora da rede estadual, que eu fiquei na direção da CNTE. Na rede municipal eu fiquei de 2007 até em 2011, fiquei um período sem liberação que eu voltei 2 meses pra escola pra sair a liberação pra CNTE e voltei esse ano. Não senti esse descompasso não quando retornei, até porque como você tá lá no sindicato lá na base você não perde esse movimento e se você tem uma boa formação também como né eu sempre me orgulho da que tive aqui na universidade. Eu fui pro movimento sindical e voltei pra escola. Tenho uma boa formação pra chegar lá e dar conta do meu trabalho lá como pedagoga. Nesse ponto eu não tenho a menor dificuldade não. Parece que eu nem saí! (risos). Isso é a minha avaliação. Eu não sei se os outros me avaliam assim. Eu me sinto muito à vontade lá com os meus encaminhamentos com os professores e com os alunos.

E como era a sua rotina como dirigente sindical?

Então, da rotina só retomando o que eu tava falando há pouco. Lendo documentos da meia-noite às três. De manhã, claro, tinha as minhas demandas. Nunca eram prioridade. Colocava como prioridade o meu trabalho. Daí, à tarde ia pro sindicato e à noite ia pra rede estadual. Quando saiu a minha liberação para a CNTE que eu fiquei totalmente liberada, foi quando nós saímos da direção, que daí nós perdemos a eleição e entrou outra gestão no sindicato, que foi o período que eu fiquei liberada na rede estadual. Então, pela manhã, como eu estava te falando, eu sempre colocava prioridade essa, prioridade minha era o sindicato porque eu entendia que, entenda isso pra qualquer eleição: se você se candidatou, você tem que estar disponível. Ninguém foi atrás de você. Você que se colocou lá, naquela condição. **E dentro da entidade?** De manhã, independente de ter vínculo com o sindicato ou não, eu estava à disposição do sindicato. À tarde, nós do sindicato,

essa rotina era fazer visita a base, tínhamos muitas vezes mesa de negociação com a prefeitura, participar dos movimentos como eu falei, o sindicato não podia ficar isolado da central sindical, da confederação, tem que fazer atividade na rua, mobilizando, organizando a pauta do sindicato, o jornal do sindicato. Na nossa gestão, todos se ajudavam. **Não tinha atrito?** Isso é normal. E se tivesse uma demanda ali quem pudesse já encaminhava, fora as questões que eram mais específicas de alguns lá do sindicato, então, tinha isso. Eu, aonde precisasse, podia contar comigo, que a minha intenção sempre era a melhor. Não sei o resultado, mas a intenção sempre era a melhor. Então, as demandas eram o jornal, a pauta, visita a base, mobilizações. Nós só éramos 5 dirigentes que só tínhamos 1 turno no sindicato, 4 horas no sindicato. Na época, só tínhamos 2 dirigentes que ficavam manhã e tarde. Então, você imagine a demanda de trabalho que nós tínhamos. **Onde ele se localizava?** Eu acredito que como liberados nós estávamos ali na Doutor Muricy. **Aí, você saia dali e ia pra rede estadual à noite?** Hunrum, eu saia dali... **Passava em casa?** Algumas vezes. O meu carro parecia um guarda-roupa porque eu saia dali, ia pra escola do estado, chegava lá e aqui em Curitiba como muda muito o clima, eu ia direto pra escola.

E quais saberes você considera imprescindíveis para que o dirigente sindical desenvolva seu trabalho? Primeiro tem que ter os seus princípios bem definidos, princípios que não se negociam de forma alguma, com relação a educação, a sociedade, que tipo de sociedade você quer, direitos dos trabalhadores, direitos dos trabalhadores que não se negocia, só se avança. Esses são os mais importantes que tem que ter. Se enxergar enquanto classe e que o movimento não é só corporativista porque quando você fala de movimento docente você não tá defendendo só a pauta do pessoal ali, processo de trabalho, salário do professor, condições de trabalho e salário, você tá lutando por uma educação de qualidade para o seu aluno, não é só pra você. E a participação em outros movimentos, além disso, você ajuda os outros sindicatos. Eu acompanhei a greve da construção civil, greve dos correios, fora as greves do nosso sindicato-irmão que é o SISMMUC. Sempre estávamos juntos ali, nós sempre estávamos na pauta ali, sempre junto com o sindicato dos servidores, magistério e servidores municipais, o SISMMUC.

E quais características você considera essencial para que o dirigente sindical desenvolva o seu trabalho? Tem que ser muito organizado, tem que ter

uma organização, tem que definir prioridades, você saber até onde você participa. Até onde eu participava? Eu militava porque tinha limite pra participar. O principal era estar no sindicato, que era onde eu tinha sido eleita para estar lá. Tinha que ser organizada, disciplinada, o que é difícil. O dia-a-dia nosso é uma luta interna pra se organizar. Ler muito porque o dirigente sindical, como eu falei, tem que ler também. Que dirigente que não lê? na área da educação, né, pra saber o que está acontecendo. E eu tinha um grau de exigência muito alto comigo mesma, mas eu não me arrependo não. Falo que o período que eu estava lá, colegas que eu encontro na escola agora, ontem mesmo eu encontrei. Ah! Você não tá mais lá? Ah, não! Agora eu sou pedagoga aqui da escola. Porque... Naquele momento era prioridade. Foram 5 anos que era a prioridade minha era o sindicato e tudo ficava em 2º lugar, mesmo a família. Não tenho filho. E a minha família aceitava muito bem isso. Eles sabiam que eles “tavam” em segundo plano. Todos se adaptaram. Ninguém reclamava. Não me divorciei nova por causa disso. Isso é bom pelo tempo que eu passava fora.

Quais as dificuldades enfrentadas para o exercício do cargo de dirigente sindical?

As dificuldades são aquelas que já passaram a minha fala. Eram as condições. Alguns colegas eram meio liberados. A gente brincava na época que nós tínhamos um padrão na rede, outros tinham um em outra rede. Eu tentei várias vezes solicitar liberação pra rede estadual pro sindicato, daí isso não era previsto na lei, então, não conseguia. As dificuldades eram essas. Você precisava de mais tempo para fazer mais. Ter mais tempo pra poder se dedicar mais. **Na época que você estava lá, qual era o prefeito?** Luciano Ducci. Tudo que nós conseguimos foi por meio de greve, por meio de muita luta, paralisações, muita pressão. Nós chamávamos mais os professores mesmo. Íamos pra frente da prefeitura, ficávamos lá e enfrentávamos o que era necessário. Tivemos a greve de 2008 da docência. Essa quando eu tava liberada. Fora as greves, as que eu acompanhei. Hoje, o salário inicial da carreira tem outra condição, devido aquela greve porque naquela greve acho que foi em torno de 30% que subiu o salário inicial e toda a carreira. Um salto na carreira. Outra condição pro trabalhador que entra na carreira hoje devido aquele momento dos trabalhadores lá de 2008. Essa foi uma das lutas, mas tivemos várias lutas, por condições de trabalho, pelo Instituto Curitiba

de Saúde, nosso ICS lá. É muito importante nosso instituto. O instituto é uma grande conquista nossa, dos trabalhadores. Eu fui conselheira lá do Instituto, em 2005 acho que até 2011, na defesa do ICS junto com o SISMMUC. Agora, eu não estou mais na direção. Eu estou acompanhando enquanto base. Acho que a gente tem que sempre estar na luta da defesa pelo que é preciso. Nós temos só que avançar. Esse é um lema da nossa luta: avançar sempre, retroceder jamais! Tínhamos muitos avanços, sempre com a base.

APENDICE E – ENTREVISTA REALIZADA COM O DIRIGENTE SINDICAL C

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA****Perfil Pessoal**

1. Comente sobre sua origem social (grau de estudo dos pais, bairro onde morava na infância, como era sua vida, etc.).

Meus pais têm ensino superior e morei no Cajuru. (não sei que informações vocês querem com essa pergunta)

2. Comente sobre sua trajetória na educação básica. Participou de órgão de representação estudantil (Grêmio, Representante de turma, jornal)?

Fiz pré-escola e ensino fundamental em escola privada mantida por padres jesuítas. Fiz ensino médio em escola pública estadual e cursei magistério. Fui muitas vezes representante de turma e participava de atividades sociais desenvolvidas pela escola.

3. Comente sobre sua trajetória acadêmica. Participou de órgão de representação estudantil? Intercâmbio?

Particpei do Centro Acadêmico do curso de Pedagogia durante todo o período da graduação, fui representante discente junto ao colegiado e participei da comissão de reformulação do currículo do Curso. Particpei de intercâmbio no último ano da graduação, na Espanha.

4. Comente sobre sua trajetória no movimento sindical docente.

Comecei a participar mais intensamente do movimento sindical depois de terminar a graduação. Uma amiga que era da diretoria e não sabia dirigir me pediu ajuda para fazer visitas às escolas, a partir daí passei a me envolver mais. Ao mesmo

tempo, comecei a atuar como professora na rede estadual de ensino e também me aproximei da APP sindicato, embora nunca tenha sido dirigente da APP.

5. Comente sobre sua participação partidária.

Participo pouco das atividades partidárias. Participo de algumas reuniões de uma das tendências do partido, fui assessora parlamentar durante dois anos de uma vereadora em Curitiba. Fui responsável pelo programa de governo na área de educação para o município de Curitiba uma vez.

6. Comente sobre sua participação em movimentos sociais (Centrais sindicais, Marcha das Mulheres, etc.).

Participo de atividades propostas por movimentos sociais, mas nunca fiz parte de coordenação.

7. Com quais atividades se ocupa fora do expediente de trabalho?

Muitas.

8. Comente sobre suas atividades de lazer.

Cinema, restaurantes, viagens, passeios em parques, museus, atividades realizadas com pessoas da família, etc.

Perfil Profissional

1. Como chegou a participar do movimento sindical docente?

Já explicado.

2. Como chegou a ser dirigente sindical?

Participando de atividades como representante de escola, me aproximei e me identifiquei com o grupo político que fazia parte da direção e que me convidou para participar da direção.

3. Como é a sua rotina como dirigente sindical?

Não sou mais.

4. Quais saberes você considera imprescindíveis para que o dirigente sindical desenvolva seu trabalho?

Há muitos “saberes” necessários, mas não acredito que exista uma receita. As pessoas contribuem de forma diferente para a construção de um coletivo. É preciso saber trabalhar em equipe, ter visão política da realidade, conseguir expor suas ideias e ouvir os demais, e sobretudo, conhecer a essência do seu trabalho. Para ser um bom dirigente sindical é preciso ser um bom profissional.

5. Quais características pessoais você considera essencial para que o dirigente sindical desenvolva seu trabalho?

Não vejo que características pessoais façam diferença.

6. Quais as dificuldades enfrentadas para o exercício do cargo de dirigente sindical?

Muitas.

APENDICE F – ENTREVISTA REALIZADA COM O DIRIGENTE SINDICAL D

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

Perfil Pessoal

1. Comente sobre sua origem social (grau de estudo dos pais, bairro onde morava na infância, como era sua vida, etc.). Meus pais tinham primeiro grau completo, o que, na época, era considerado muito estudo entre as pessoas de nosso estrato social. Tínhamos uma vida modesta, pois os tempos eram de muita carestia. Morávamos em um bairro bastante periférico, na região metropolitana (São José dos Pinhais) com valetas a céu aberto e sem acesso a transporte público. Andávamos muito a pé, pois não tínhamos carro (que era um luxo para poucos).
2. Comente sobre sua trajetória na educação básica. Participou de órgão de representação estudantil (Grêmio, Representante de turma, jornal)? Toda a minha escolarização foi realizada em escola pública. Sempre tive bom desempenho escolar, o que me motivou a fazer o segundo grau no IEPPEP, em Curitiba (o que era uma ousadia para quem morava tão longe). Durante o Magistério, fui representante de turma por dois anos.
3. Comente sobre sua trajetória acadêmica. Participou de órgão de representação estudantil? Intercâmbio? Minha trajetória acadêmica foi regular, na graduação. Como precisava conciliar o estudo com o trabalho, limitei-me a realizar apenas as atividades curriculares, participando, eventualmente, de algumas atividades de extensão.
4. Comente sobre sua trajetória no movimento sindical docente. Minha aproximação aconteceu por vínculo de amizade (fiz o curso de Magistério com a

Ana Bruel, que foi quem me chamou para participar de grupo de estudos no SISMMAC). Era o momento de construção de estratégia de lutas para a conquista do plano de carreira (que foi aprovado com a lei n.10.190/2001). A partir daí comecei a participar de maneira mais efetiva, até ser convidada a compor a diretoria. O período em que fiz parte da direção foi um dos mais importantes da minha formação como educadora e cidadã. Essa experiência – e não a formação na universidade – foi o que me permitiu compreender a relação efetiva entre educação e política.

5. Comente sobre sua participação partidária.
6. Comente sobre sua participação em movimentos sociais (Centrais sindicais, Marcha das Mulheres, etc.).No Fórum eu fui uma participante tímida. Participava das sessões plenárias, nada mais. No âmbito da CUT, fui membro da diretoria, participando de várias campanhas, apoiando movimentos de companheiras e companheiros de outros sindicatos, participei também de um Congresso Estadual e um Nacional, ambos em 2003.
7. Com quais atividades se ocupa fora do expediente de trabalho? Gosto de cinema, de literatura, de cozinhar e de cultivar uma pequena horta.
8. Comente sobre suas atividades de lazer. Sobre tudo o cinema e encontro com amigos regados a comida e bebida.

Perfil Profissional

1. Como chegou a participar do movimento sindical docente? A culpa é da Ana Bruel, que me convidou a participar de grupo de estudos no SISMMAC.
2. Como chegou a ser dirigente sindical? Por meio de convite feito pela diretoria da gestão Resistir para conquistar.

3. Como é a sua rotina como dirigente sindical? Foi uma rotina extenuante, porque a disponibilidade era total, não havia dia de folga, mesmo quando estava em férias.
4. Quais saberes você considera imprescindíveis para que o dirigente sindical desenvolva seu trabalho? Em primeiro lugar, o dirigente sindical que representa trabalhadores da educação deve ser um exemplar profissional da área. Ele deve ser referência pedagógica reconhecida entre seus pares e comunidade onde trabalha. Sem esse reconhecimento, toda a luta é apenas retórica. Conhecer a rotina, os desafios e as demandas do chão da escola é a questão mais importante. A inserção no movimento sindical e o contato com pessoas com mais tempo de militância dão conta, por si só, de fornecer a bagagem necessária para o resto.
5. Quais características pessoais você considera essencial para que o dirigente sindical desenvolva seu trabalho? Capacidade de ouvir a sua base, capacidade de dialogar e construir consensos no seio da diretoria, combatividade para representar os interesses da categoria.
6. Quais as dificuldades enfrentadas para o exercício do cargo de dirigente sindical? O quase anulamento da vida privada, que é sacrificada em razão da militância.

APENDICE G – ENTREVISTA REALIZADA COM O DIRIGENTE SINDICAL E

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ SETOR DE EDUCAÇÃO CURSO DE PEDAGOGIA

Perfil Pessoal

1. Comente sobre sua origem social.

Sou filha de trabalhadores rurais sem terra que migraram para Curitiba nos anos 80, tenho seis irmãos e todos muito jovens começaram a trabalhar, estudaram pouco por falta de oportunidade.

2. Comente sobre sua trajetória na educação básica. Participou de órgão de representação estudantil?

Sempre estudei em escola pública, iniciei meus estudos ainda em Ivaiporã norte do Paraná, em escola rural multi-seriada. Depois em Curitiba fiz o ensino fundamental em escola estadual e já na oitava série participava do grêmio estudantil. No ensino médio também participei de grêmio estudantil ainda no Instituto de Educação do Paraná

3. Comente sobre sua trajetória acadêmica. Participou de órgão de representação estudantil? No ensino superior não participei da gestão do centro acadêmico, disputei eleições mas perdi, era oposição ao grupo político que estava no centro acadêmico, assim militei em outros espaços não institucionais.

4. Comente sobre sua trajetória no movimento sindical docente.

Comecei a participar dos conselhos de representantes quando ingressei na rede municipal, em seguida participei da composição da chapa que assumiu o sindicato em 2002, e em 2005 fui para o sindicato para exercer atividades

liberada para esse fim e permaneci até 2008. De 2005 até 2008 fui presidente da entidade.

5. Comente sobre sua participação partidária.

Minha militância se deu através da Democracia Socialista corrente interna do partido dos trabalhadores a partir de 2005. Participei de várias plenárias, congressos, atuando em processos eleitorais.

6. Comente sobre sua participação em movimentos sociais.

No momento estou afastada de atividades mais orgânica dos movimentos sociais, mas participei do movimento sindical, do partido, da marcha mundial das mulheres etc.

7. Com quais atividades se ocupa fora do expediente de trabalho.

Quando estava no sindicato, distribuía meu tempo entre o sindicato, minha vida acadêmica na universidade federal, e minha família.

8. Comente sobre suas atividades de lazer.

Quando estava no sindicato, em muitos momentos o lazer se confundia com a própria militância política e atividades culturais por exemplo. O dia a dia do sindicato é muito intenso, há pouco tempo para o lazer. (me lembro sempre de levar muito trabalho para casa, o que gerava grande mal estar para os familiares) rrsrs

Perfil Profissional

1. Por que optou por participar do movimento sindical docente?

Não foi uma opção, quando vi já tinha me envolvido, entrei na rede num momento muito duro, na gestão do Cássio Taniguchi. Uma gestão marcada por políticas neoliberais, de muito desrespeito aos trabalhadores. As condições de

trabalho foram degradadas em muitos aspectos, arrocho salarial com reposição parcelada da inflação, acho que estas condições e meu posicionamento político de esquerda, me fizeram trilhar esse caminho.

2. Como chegou a ser dirigente sindical?

Particpei como representante do meu local de trabalho, e participei de programas de formação política no sismmac. Inclusive fazendo falas em conselhos de representantes, participei de da chapa que ganhou a eleição em 2002, e em 2005 a direção entendeu que eu poderia contribuir na organização sindical estando liberada para este fim.

3. Como é a sua rotina como dirigente sindical? (ERA)

Trabalho 20 horas na PMC, assim fui pro sismmac com 20 horas e permaneci no estado com as outras 20 horas. Era uma rotina de muito trabalho, atividades envolvendo as demandas da categoria, o primeiro semestre regado de muita negociação das pautas que o sindicato apresentava nas mesas de negociações com PMC. Participavam de muitas atividades vinculadas à outros movimentos sociais, foi um período de muitas mobilizações, greves etc.

4. Quais saberes você considera imprescindíveis para que o dirigente sindical desenvolva seu trabalho:

No caso da educação, tem que saber as principais discussões em torno de todos os níveis e modalidades, geralmente nos especializamos em algumas áreas, mas é imprescindível que tenha uma noção geral de como as coisas funcionam. É importante conhecimento político, jurídico etc.

5. Quais características pessoais você considera essencial para que o dirigente sindical desenvolva seu trabalho?

Compromisso com o trabalho sindical, desejo de aprender, a disciplina pessoal, capacidade de liderança, boa oratória,

6. Quais as dificuldades enfrentadas para o exercício do cargo de dirigente sindical?

São muitas:

- a) No meu caso era evidente a não liberação integral para a atividade sindical, tinha 20 horas em sala de aula (no estado) e na prática trabalhava muitas horas não remuneradas no sindicato, porque só 20 horas na presidência do sismmac era ficção.
- b) Somos poucos dirigentes liberados e muitas demandas para dar conta, imagine a estrutura da secretaria da educação, e a quantidade de gente que se especializa numa temática. No sindicato éramos 7 para entender de todas as pautas gerais e específicas.
- c) A demanda do sindicato é muito grande, assim acabamos por sacrificar a nossa vida familiar, a vida pessoal. Elas ficam em segundo plano literalmente.
- d) Há também pouco reconhecimento por parte da categoria, assim grandes conquistas coletivas saem do imaginário das pessoas muito rápido. Ao passo que um equívoco por menor que seja figura por muito tempo nas mentes e nos corações (rsrsr drama), mas é assim mesmo.
- e) O embate com a administração municipal era sempre muito duro, e as gestões sempre muito intransigentes, eles controlam as informações, é preciso muito estudo, muito planejamento para cada reunião de negociação.

APENDICE H – ENTREVISTA REALIZADA COM O DIRIGENTE SINDICAL F

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

Perfil Pessoal

1. Comente sobre sua origem social (grau de estudo dos pais, bairro onde morava na infância, como era sua vida, etc.).

Meu pai era alfaiate, cursou as séries iniciais até 4ª série) do Ensino Fundamental, minha mãe era professora das séries iniciais do Ensino Fundamental, com formação em Magistério, Ensino Médio. Durante toda minha infância e adolescência vivi no Bairro Bom Retiro, onde eu e minha irmã convivemos com as crianças da vizinhança, brincávamos e nos divertíamos muito. Tínhamos uma vida humilde e minha mãe sempre buscou nos incentivar a estudar para buscar uma vida estável e mais confortável.

2. Comente sobre sua trajetória na educação básica. Participou de órgão de representação estudantil (Grêmio, Representante de turma, jornal)?

Na Educação Básica não participei do movimento estudantil, fui representante de turma nas séries finais do Ensino Fundamental por 1 ano.

3. Comente sobre sua trajetória acadêmica. Participou de órgão de representação estudantil? Intercâmbio? Não.

4. Comente sobre sua trajetória no movimento sindical docente.

Iniciei minha participação em 1986, no período em que os servidores públicos eram proibidos de se organizar em sindicatos, e muitos utilizavam as associações como forma de organização para lutar por seus direitos, no caso do magistério municipal era a Associação do Magistério Municipal de Curitiba (AMMC), fui representante de escola. Em 1988, com a aprovação da nova

Constituição Federal, fundamos o Sindicato dos Servidores do Magistério Municipal de Curitiba (SISMMAC), durante vários anos atuei como representante de escola e depois participei de direções da entidade.

5. Comente sobre sua participação partidária.

Meu primeiro contato com o partido foi na primeira campanha de Lula à presidência em 1989. Em 1990 me filiei ao Partido dos Trabalhadores. Participei de encontros e congressos e militei principalmente no Setorial de Educação do partido, onde debatemos as políticas públicas na área da educação e construímos planos de governo municipais e estaduais. Mais tarde também passei a debater os temas relativos às mulheres. Já fiz parte de direções municipais.

6. Comente sobre sua participação em movimentos sociais (Centrais sindicais, Marcha das Mulheres, etc.).

Acompanhando as atividades tanto da AMMC, assim como do SISMMAC pude conhecer outros sindicatos e movimentos. O SISMMAC filiou-se à CUT em 1989, e a partir daí passei a participar de atividades, encontros e congressos da central. Pude conhecer melhor o MST, o Movimento de Moradia entre outros. Nos debates envolvendo a questão de gênero acabei conhecendo a Marcha Mundial de Mulheres onde passei a militar a partir de 2002.

7. Com quais atividades se ocupa fora do expediente de trabalho?

Me ocupo com atividades partidárias e dos movimentos. Faço minhas tarefas domésticas, sempre que posso estou com meus irmãos e sobrinhos e curto meus cães.

8. Comente sobre suas atividades de lazer.

Gosto de cinema, música e adoro viajar.

Perfil Profissional

1. Como chegou a participar do movimento sindical docente?

Iniciei minha participação como representante de escola nos conselhos de representantes, que ocorriam mensalmente. Também participava de debates e seminários promovidos pela entidade.

2. Como chegou a ser dirigente sindical?

Justamente por ter uma participação ativa junto ao sindicato acabei sendo convidada e a participando de eleições da entidade, nosso grupo político foi derrotado em algumas disputas, e a partir de 1996 passei a compor a diretoria da entidade.

3. Como é a sua rotina como dirigente sindical?

Quando fui dirigente tínhamos uma dinâmica bastante intensa, pois entendíamos que para além das lutas corporativas devíamos lutar por avanços na sociedade como um todo. Por isso, organizávamos atividades dirigidas à categoria, visitas aos locais de trabalho, militávamos junto à CUT e acompanhávamos diversos movimentos sociais.

4. Quais saberes você considera imprescindíveis para que o dirigente sindical desenvolva seu trabalho?

Domínio dos temas que envolvem sua categoria, conhecer minimamente a história de luta dos trabalhadores.

5. Quais características pessoais você considera essenciais para que o dirigente sindical desenvolva seu trabalho?

Liderança, responsabilidade, compromisso com o coletivo, humildade, estar sempre disposto a aprender.

6. Quais as dificuldades enfrentadas para o exercício do cargo de dirigente

sindical?

Uma delas é a concepção individualista de nossa sociedade, isto dificulta muito a organização coletiva, tanto dentro das próprias direções sindicais como da base. Outro aspecto importante é uma visão de que a direção da entidade é que tem a responsabilidade única de resolver sozinha os problemas da categoria, grande parte dos trabalhadores não conhece sua própria história e desta forma não tem a percepção de que os avanços sempre foram conquistados a partir de uma ação coletiva e não por uma ação limitada aos dirigentes sindicais.

APENDICE I – ENTREVISTA REALIZADA COM O DIRIGENTE SINDICAL G

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA****Perfil Pessoal**

1. Comente sobre sua origem social (grau de estudo dos pais, bairro onde morava na infância, como era sua vida, etc.).

Meus pais fizeram Ensino Médio técnico, e trabalharam com comércio durante a minha infância. Trabalhava um pouco com eles no comércio, além de ir para a escola e brincar na rua, que era na região metropolitana, periferia da cidade.

2. Comente sobre sua trajetória na educação básica. Participou de órgão de representação estudantil (Grêmio, Representante de turma, jornal)?

Fui aluno de escola municipal em Pinhais e depois do Colégio Militar de Curitiba, onde fui representante de turma, mas não do Grêmio. No Colégio Militar participávamos de um pré-Conselho de Classe, participando do debate sobre a turma junto com os professores.

3. Comente sobre sua trajetória acadêmica. Participou de órgão de representação estudantil? Intercâmbio?

Participei durante toda a graduação do movimento estudantil de educação física, tendo participado de uma gestão do Centro Acadêmico de educação física da UFPR, de grupos de oposição ao Centro Acadêmico e de duas gestões da Executiva Nacional de Estudantes de Educação Física. Foram nesses espaços que me envolvi mais seriamente com a militância política, e onde pude ter acesso a uma formação teórica e filosófica mais aprofundada que a das disciplinas de graduação.

4. Comente sobre sua trajetória no movimento sindical docente.

A realidade da vida docente é muito dura, foi impossível virar professor e não me envolver na luta por uma vida melhor. Encontrei na rede municipal várias pessoas com pensamento parecido, com quem me juntei para participar do sindicato dos professores, formando uma chapa de oposição para as eleições do sindicato.

5. Comente sobre sua participação partidária.

Não participo de nenhum partido

6. Comente sobre sua participação em movimentos sociais (Centrais sindicais, Marcha das Mulheres, etc.).

Participo da Intersindical, movimento que reúne sindicatos e oposições que não se venderam ao governo, e romperam com a política de recuo capitulada pela CUT e demais centrais pelegas. Tem sido um lugar importante de reconhecer a parte da nossa classe que se mantém firme na luta pela transformação da sociedade.

7. Com quais atividades se ocupa fora do expediente de trabalho?

Quase não sobra tempo fora do trabalho, mas me ocupo com estudos de Marx e autores marxistas.

8. Comente sobre suas atividades de lazer.

Quase não tenho tempo de lazer, mas no pouco que consigo faço natação e voleibol.

Perfil Profissional

1. Como chegou a participar do movimento sindical docente? Colegas mais velhos que já eram do movimento me convidaram e passei a ser representante sindical de base, que foi a porta de entrada.

2. Como chegou a ser dirigente sindical? A indignação com um sindicato que não impulsionava as lutas me levou a compor uma chapa de oposição com outros representantes de base.
3. Como é a sua rotina como dirigente sindical? Boa parte do tempo passo visitando locais de trabalho e preparando essas visitas. Além disso, respondo emails que são enviados para a direção, resolvo questões do departamento jurídico, escrevo textos para jornal e site, participo de reuniões do Conselho do FUNDEB e das reuniões das instâncias do SISMAMC (direção liberada, ampliada, Conselho de Representantes e Assembleias).
4. Quais saberes você considera imprescindíveis para que o dirigente sindical desenvolva seu trabalho?
 - Formação política densa, que permita entender para que pode servir o trabalho sindical na transformação da sociedade
 - Conhecimento específico sobre os problemas da categoria, que permita organizar a luta dessa fatia da classe e fazer a ligação com a luta geral dos trabalhadores.
5. Quais características pessoais você considera essencial para que o dirigente sindical desenvolva seu trabalho?
 - Habilidade para conversar e ouvir os trabalhadores, para conseguir envolver cada vez mais gente nas atividades sindicais, e fazer dessas atividades práticas coerentes com os problemas desses trabalhadores.
 - Paciência para ouvir um trabalhador que está numa situação de vida muito ruim, para não se perder nem se cansar nas lamentações e conseguir ajudá-lo a combater os problemas.

- Capacidade de se expressar tanto oralmente como na escrita, falar em assembleias, reuniões, escrever jornais agitativos e textos mais densos.

6. Quais as dificuldades enfrentadas para o exercício do cargo de dirigente sindical?

O tempo é limitado, a quantidade de pessoas para realizar o trabalho também.

Planejamentos diversas atividades que não temos pernas para cumprir depois.

APENDICE J – ENTREVISTA REALIZADA COM O DIRIGENTE SINDICAL H

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

Perfil Pessoal

1. Comente sobre sua origem social.

Quando eu nasci minha família já tinha uma situação financeira melhor, assim fomos morar em um bairro mais sofisticado. Morávamos no Jardim das Américas e fomos para o Alto da Glória. Viajamos muito pelo Brasil. Conheci vários estados. Meu pai era funcionário público federal, veterinário leigo. Estudou até a 4ª série. Se aposentou como chefe de Inspeção Federal. Meu pai era muito ligado a cultura. Por isso fiz balé por 9 anos e 6 anos de inglês no Interamericano. Também fiz violão e piano.

2. Trajetória na educação básica. Participou de órgão de representação estudantil?

Era boa aluna. Participei do Grêmio da Divina Providência e na faculdade era representante de turma.

3. Trajetória acadêmica. Participou de órgão de representação estudantil?

Na Tuiuti não tinha Centro Acadêmico. Na época em que eu estudei, ainda não era campus. Tinha apenas 3 ou 4 salas no campus Barigui. Fui indicada para ser representante de turma pelas minhas colegas. Fiquei durante 3 anos como representante.

4. Trajetória no movimento sindical docente.

Na escola em que fui trabalhar todas as colegas participavam do sindicato então não tinha como não participar. E assim foi. Todo mundo incentivou. A escola era José Corrêa de Oliveira Lima. De lá saíram vários dirigentes do SISMMAC, como a professora Lúcia, o Sérgio, a Simere Calisto e a Elici Luvison. Em 1992 fui eleita como representante. Fui coordenadora da Marcha Mundial das Mulheres e representante da CUT. Fui Secretária de Organização e Política Sindical de 2009 a 2011.

5. Participação partidária.

Participo desde o ano de 2009. Participo de todas as atividades já que sou assessora da vereadora professora Josete. Tocamos a Coordenação do Setorial de Educação do PT no Paraná. Acompanho as palestras e atividades dentro do PT como a organização do movimento estudantil Quizomba. Neste

momento estamos organizando a chapa para o PED (Processo de Eleição Direita) em 2013.

6. Participação em movimentos sociais.

Entrei no sindicato e acompanhei a Marcha das Mulheres porque era membro da CUT e do SISMMAC.

7. Atividades fora do experiente de trabalho.

Assisto filmes e fico com a família. Vou ao cinema, assisto TV a cabo. Fazemos um churrasquinho com o marido ou desço pra praia no fim de semana.

8. Atividades de lazer.

PERFIL PROFISSIONAL

1. Participação no movimento sindical docente.

Não foi uma opção.

2. Como chegou a ser dirigente sindical?

A Diana Abreu me convidou pra ir pra direção liberada.

3. Como era a sua rotina como dirigente sindical?

Ia pro SISMMAC de manhã e de tarde (2 padrões). Organizava a parte interna (ofícios, telefone). Pegava o carro e ia pra base. Visitava escolas, administrava conflitos entre professores e diretores. Voltava pro SISMMAC e organizava o jornal e o Conselho de Representantes. Recebia professores, me apropriava de coisas novas (legislação). Todos os dias a rotina extrapolava manhã e tarde. À noite tinha os coletivos ou grupos de estudo. No final de semana pegava estrada para apoiar outros sindicatos (cutistas) ou outros movimentos.

4. Saberes imprescindíveis para que o dirigente sindical desenvolva seu trabalho?

Os saberes relacionados à categoria: carreira, condições de trabalho, pautas trabalhistas e legislações. Tendência teórica para Gramsci e Trotsky.

5. Características pessoais que considera essencial para que o dirigente sindical desenvolva seu trabalho?

Saber ouvir muito as pessoas. Ser dinâmico para agüentar o tranco. Se adaptar a qualquer tipo de ambiente.

6. Dificuldades enfrentadas para o exercício do cargo de dirigente sindical?

Tempo é a maior dificuldade. Falta tempo pra ler, estudar, encaminhar as coisas. Outro problema é o patrão, independente de quem seja.